

CALIBURN

EXCALIBUR emerge, refulgente, empunhada por mágica mão de dama saída do centro do lago...

Eis o ressurgir do mito na sua expressão milenar “céltica”, da Senhora das Águas – vaga memória do seu passado atlante, dum Mito que passa pelo Outromundo e pelo Submundo.

Qual relâmpago cujo clarão corta com seu poder ofuscante a treva da ignorância e da injustiça, ela manifesta-o, contudo, no seu duplo aspecto, proveniente da sua dupla lâmina: destruidor e construtor... ou seja, só corta o que necessita de ser cortado permitindo que o aproveitável continue e seja usado na reconstrução!

Uma “mão” – multifacetada, aliás – a maneja e seu espectro luminoso, cristalino, tinge de várias cores aqueles aptos a utilizá-la. E suas cores são outros tantos sons das vozes dos seus portadores. Sim, porque ela é também esse Verbo e é-o, em particular, nesta velha Terra dos Luxios agora acordada de seu secular sono... Mas tal peleja envolve várias linhas de combate, umas mais exteriores com nomes como Ciência, outras mais interiores e subtis que se aproximam ou integram a vasta Arte Real.

Aliás, desde há décadas, senão séculos, algumas Pessoas desta terra a vêm invocando e até antevendo a hora da sua nova saída do lago, pronta a ser empunhada por novo Galaaz e novo Artur, após o ressurgimento de um novo Merlin, que não poderá estar, agora, por muito mais tempo “encoberto”. Daí aquele

“Vem Galaaz com pátria erguer de novo
mas já no auge da suprema prova
a alma penitente do teu povo
à Eucaristia nova”

expresso como grito final e “Mensagem”. A mesma Pessoa antevia, que breve, muito breve, o “Mestre” empunharia de novo a Excalibur, a mesma e no entanto agora de dimensões gigantescas, porque os tempos o exigem, e porque não é um país mas o mundo que se encontra dividido e impregnado da peste, da fome e da falta de trabalho, daí o seu

“Mestre da Paz ergue o teu gládio ungido
Excalibur do fim em jeito tal”...

E por tal, um dia, Ciência, Arte, Religião, Política e Ensino não mais serão “assuntos” separados, de “seres separados e separadores” mas de novo brilhará a Tradição Primordial, unificadora do Ser, por toda a parte – a única capaz de conduzir o homem ao paraíso perdido, àquele estado primitivo de pureza de onde um dia saiu... Porém, antes disso urge, como disse o Poeta, “que sua luz ao mundo dividido” revele “o Santo Graal”.

.....

Para o cavaleiro é dada a espada, que é feita á semelhança da cruz, para significar que assim como Nosso Senhor Jesus Cristo venceu na cruz a morte na qual tínhamos caído pelo pecado do nosso pai Adão, assim o verdadeiro cavaleiro com a espada deve vencer e destruir os inimigos da cruz. E porque a espada é cortante de dois gumes, e a cavalaria é para manter a justiça, e a justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro deve manter com a espada a cavalaria e a justiça.

Extracto do “Livro da Ordem de Cavalaria” de RAMON LULL

Na sua “Mensagem”, no poema “Encoberto”, Fernando Pessoa deixou-nos esses magníficos versos:

(...) “Na cruz que é o Destino a Rosa que é o Cristo”
(...) “Na Cruz morta e fatal a Rosa do Encoberto”

A cruz vai pois identificar-se com a própria vida, com o Destino (ou Carma) de cada um, com a Vida sacrificada neste corpo de sofrimentos até que essa Rosa – que é o Estado Ungido – se manifeste.

Aquele que esteve Encoberto por idades sem conta manifestar-se-á... Então, a cruz encontrar-se-á finalmente “morta” e nela emergirá, como símbolo final, a Rosa do Encoberto!

A justiça deve ser, no ver de Ramon Lull, mantida pela espada, para que cada um tenha o direito à sua vida, ou seja, de assumir a sua cruz até a superar, até se libertar da ilusão criada com o quaternário dos elementos... E quem são, então, os inimigos da Cruz por ele referidos? Serão todos os elementos que contrariam, pois, essa Via para essa “morte iniciática” que dará nascimento à Nova Vida e, finalmente, ao acesso à Eternidade aqui ou além da expressão física.

ASSIM OUVI DO MESTRE

Já em pleno século IX, a península ibérica encontra-se sob o domínio (ou fusão) árabe, que tanto concorreu para a cultura que ela mesma serviu de portadora aos povos ameríndios.

E séculos e mais séculos antes, ainda, o manu *Ur-Gardan* (Ur, Fogo; Gardan, donde provém o Garden ou Jardim, na língua anglicana), conduzia um ramo celta para o litoral europeu, ou seja, o “velho Portugal” – *Portus-Galliae*, de galos ou gauleses – que a intuição do insigne poeta lusitano cognominou de “Jardim da Europa á beira-mar plantado”.

E por termos falado dos monstros do fim do ciclo, seguidos por outros monstros ou degenerados que lhe são simpáticos, -pouco importa a que país pertençam...- tivemos ocasião de dizer em velho estudo nosso publicado nesta revista, à guisa de profecia, que “em breve o imperador Hailé Salassié faria uma vilegiatura ao país de onde fora destronado”, por conhecermos melhor do que outros sua verdadeira origem... E, conseqüentemente, que o Leão de Judá (que figura em vários brasões, até no de Colombo) acabaria por vencer a Loba Itália, o que, de facto se deu, podendo ele mesmo cumprir o que havia prometido, isto é, (servindo de eco a nossa voz...), “substituindo a loba itálica, da praça principal de Adis-Abeba, pelo Leão de Judá, graças ao poder do cavalo alado, ou seja, S. Jorge, precioso símbolo agartino, ou do Cavaleiro *Akdorge*, *Maitri* ou *Maitreya* como décimo avatara de *Vishnu*, ou o Redentor-Síntese da Humanidade. E como S. Jorge também seja patrono da velha

Albion, a velha *Gália*... tal acontecimento se deu com o valioso auxílio do referido país: a Inglaterra.

Quanto a *Hailé Selassié*, viveu sempre protegido pelas duas iniciais de seu nome, ou seja, H e S, desde que o J que lhe falta, ao termo Judá pertence... *Judá*, *Jove*, *Jeove* ou *Jeovah*...

Infelizmente, o precioso símbolo da velha *Romakapura*, ou seja, “a loba que amamenta *Romulus* e *Remulus*”, (pseudo-fundadores de Roma), por mais sagrado que seja, acabou por cair em mãos profanas, para não dizer, indignas... Mãos cobertas de crepe, ou de negra musseline... luto pesado sobre uma nação de génios, de artistas, e até de Adeptos...

Romulus e *Remulus*, *Castor* e *Pollux*, *Helios* e *Selene*, todos Gémeos Espirituais, amamentados com o precioso leite que deu nome ao continente *Pushkara* (o sétimo ou nosso), ou seja, o de “mar de leite, de manteiga clarificada”, como dizem as velhas escrituras orientais. Sem falar do lugar em que a nossa Obra nasceu, *Montanha Sagrada*, projecção granítica da Serra da Mantiqueira ou mantigueira, como objecto que é de guardar tão precioso alimento...

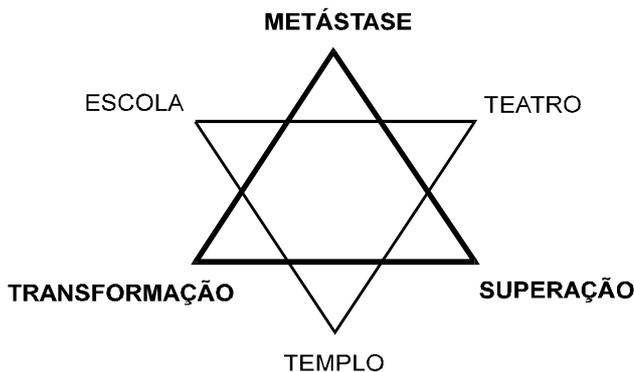
Eram pois *Romulus* e *Remulus* (pouco importa que não o saiba a História) *Romulus* e *Kapura*, donde provém o próprio nome da velha cidade atlante, mais acima apontada, *Romakapura*...

Henrique José de Sousa
in “Símbolos e Brasões”

O ASPIRANTE A GUERREIRO

Uma das coisas que um aspirante a Guerreiro deve, desde logo, compreender é que a palavra “Guerreiro” corresponde, na conceituação eubiótica, a um complexo de conotações e que a não ser que as reconheça, primeiro e, depois, as vivencie existencialmente, o significado “guerreiro” não terá qualquer relação com os significantes, isto é, não passará de um termo vazio de conteúdo, uma abstracção.

Para aspirar á sua condição de Guerreiro deve, então, o aspirante corporizar, como itinerário a percorrer, as linhas mestras do duplo triângulo preconizado pela filosofia eubiótica, ou seja, na sua concatenação com o Hexagnon Sagrado, expressando o 2º Trono



nas suas duas componentes: individual e grupal. A análise deste hierograma evidencia que o nível de “Transformação” se integra nos vértices “Teatro” e “Escola” e que a etapa da “Superação” tem como pólos de realização a “Escola” e o “Templo”, culminando tudo no ápice do hexágono, no ponto “Metástase”, o qual corresponde à iniciação do aspirante, como Guerreiro.

O Hexagnon Divino, símbolo do 2º Trono, configura, pois, o caminho que o aspirante deve percorrer no seu afã de reintegração, a sua Metanoia.

A ESPADA

“A espada do Santo, bendito seja ele,
é formada do tetragrama;
o Yod é o botão de seu punho,
o Vov (ou Vau) a lâmina,
os dois Hé, os dois cortantes”.

Zohar, III, 274b

Desde tempos imemoriais a cavalaria vem usando a espada como símbolo de poder. Poder aliás de natureza dupla: destruidor e construtor.

Flamejante no seu brilho metálico ela representa o poder do relâmpago, poder do espírito que é capaz de conduzir o ser á iluminação, ou seja, de reacender nele esse “fogo primordial” que dissipa a ignorância da separatividade. Assim, a espada é por excelência o “instrumento mágico” do guerreiro do espírito – o discípulo da Via Sagrada – que o auxiliará a cortar sucessivamente os elementos negativos da sua personalidade, esses “maus hábitos” que inquinam o seu ser e o mergulham na escuridão ignorante e no sofrimento.

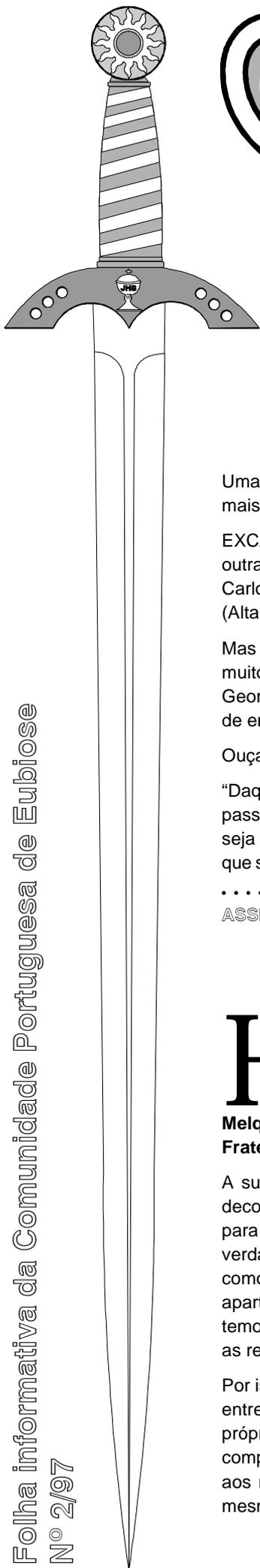
É dito que dois anjos munidos de espadas flamejantes expulsaram Adão do paraíso.

E não colocou Deus dois querubins, (Gen. 3.24), munidos de espadas de fogo rodopiantes guardando o caminho que conduz á Árvore da Vida?

Os querubins protegem pois a entrada daqueles que não readquirirem a pureza original!

Deus, tem por nome sagrado as quatro letras hebraicas que originaram as designações JEOVÁ ou IAVÉ, mas seu nome era e é algo de tal forma sagrado que o sacerdote apenas uma vez ao ano as pronunciava e, segundo Michel Coquet, “de acordo com certas normas teúrgicas bastante severas”. Assim, os hebreus ao lerem esse nome sagrado jamais o pronunciavam e substituíam-no por ADONAI, que significa SOL.

Ora I.H.V.H. representa precisamente o ADÃO KADMON – o homem antes da queda, o estado de pureza que o “guerreiro do espírito” almeja reintegrar...



CALIBURN

EX-CA-LI-BUR

Quatro sílabas como as quatro letras da Palavra Sagrada? Talvez!

Uma das mais famosas espadas místicas do Ocidente que, associada ao Graal, constituem o par de símbolos mais importantes da tradição Arturiana e foram o motor espiritual da Cavalaria medieval europeia.

EXCALIBUR ou CALIBURN tornar-se-ia um símbolo mágico, com uma “alma própria” como as das famosas outras espadas da cavaleiros famosos das sagas medievais, cantadas nas canções de gesta: Rolando, Olivier, Carlos Magno, Turpin, etc... Daí o terem nomes próprios como Joyeuse (Jubilosa), Durandal, Hauteclair (Alta Claridade), Corte, Bautreine...

Mas na Tradição primordial – oriental e ocidental – nem todas as espadas eram vistas como “boas”. Dependia muito de quem as havia forjado e dos espíritos invocados pelo armeiro para as animar, segundo nos conta George Guimarães um iniciado na arte do sabre (IAIDO), essa fabulosa arte japonesa que ele chamava “arte de enfrentar o desconhecido” que outros no Japão chamavam “arte de cortar o ego”.

Ouçamos as palavras do seu mestre Mitsui Yoshimatsu quando este lhe entregou o seu sabre:

“Daqui em diante esta será a sua espada. Limpe-a sempre e evite tocar a sua lâmina com as mãos; jamais passe por cima dela quando estiver no chão; sempre a reverencie ao pegá-la e guardá-la e nunca deixe que seja tocada por curiosos. Lembre-se: agora essa arma será o seu coração; dedique-se a ela, como aquela que salvou o seu dono no incêndio da floresta. A sua também o ajudará revelando-lhe uma porção de verdades”.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

A IGREJA DE MELQUISEDEC

Há uma antiga tradição que afirma a existência, no mundo, de uma **igreja secreta**, que torna a ligar (religo, religare, religione ou religião) o homem a Deus, sem necessidade de sacerdócio nem outro qualquer intermediário. Todo ser iluminado, directamente ou por iniciação, desde que esteja na posse de certos mistérios, faz parte do **Culto**, que tem o nome velado de **Igreja de Melquisedec**. Tal culto sempre existiu, por ser o da mais preciosa de todas as **religiões**, ou seja: a da **Fraternidade Universal da Humanidade**.

A sua origem procede dos meados da 3ª raça mãe, pouco importa seu nome naquela época, se com o decorrer dos tempos, recebe o de **Sudha-Dharma-Mandalam**, na antiga Aryavarta – nossa Mãe-Índia – mas, para todos os efeitos, **Excelsa Fraternidade**, quer na razão da sua própria existência – por ser composta dos verdadeiros Guias ou Instrutores espirituais da Humanidade – quer pela sua vitória sobre o que se concebe como Mal, na Terra, se ao lado do Planetário (a Força Cósmica... dirigente do nosso Globo) em forma humana, aparte opiniões contrárias – após a tremenda queda que teve lugar na decadência atlante... de que tanto nos temos ocupado, embora que, de modo velado – tiveram os seus primeiros componentes, de combater contra as referidas “forças do mal”, sem falar na sua própria transformação de Homens vulgares, em semi-deuses.

Por isso que, tal Fraternidade ou “Culto Universal” – que a bem dizer é o do **Amor**, da **Verdade** e da **Justiça** entre todos os seres da Terra – se compõe de 7 linhas, cada uma delas com o respectivo raio, na razão dos próprios Astros ou Planetas. Onde, seus Chefes, Reis ou Guias, Seres tão elevados, que bem se podem comparar aos mesmos **Dhyan Chohans** ou “Espíritos Planetários”. Na Índia, o termo **Maha Chohan** é dado aos mais elevados entre tais Seres, enquanto outrora, no Egito recebiam o nome de **Ptahmer**. São os mesmos “Goros do Rei do Mundo”, nas escrituras transhimalaias.

Henrique José de Sousa
in “Cagliostro e São Germano”, Dhâranâ nº 110 de 1941

Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte! O Sol és tu e a Lua és tu e o vento és tu! Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também. Onde nada está tu habitas e onde tudo está – (o teu templo) – eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar. Dá-me vista para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu. Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos. Faze com que eu saiba amar os outros como irmãos e servir-te como a um pai.

Minha vida seja digna da tua presença. Meu corpo seja digno da terra, tua cama. Minha alma possa aparecer diante de ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que eu te possa adorar em mim; e torna-me puro como a Lua, para que eu te possa rezar em mim; e torna-me claro como o dia para que eu te possa ver sempre em mim e rezar-te e adorar-te.

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me de mim.

Fernando Pessoa

ASTROLOGIA E KARMA

Um dos aspectos mais aliantes da ciência astrológica prende-se com a possibilidade de, através da análise de um horóscopo, descortinar não só as características das encarnações passadas mas, também, as possíveis implicações kármicas e o modo como irão condicionar as encarnações futuras.

Em primeiro lugar será, talvez, conveniente tecer breves considerações sobre o karma. Este termo, de origem hindu, designa a Lei da Acção e Reacção. Entendida, até há bem pouco tempo, de forma desajustada, ela não é mais do que o modo pelo qual todo o universo conhecido se ajusta às transformações dinâmicas pelas quais os seres devem passar. Karma não deve, pois, ser entendido como exclusivamente aplicável aos seres humanos ou num sentido unicamente punitivo. Nesta perspectiva os seres humanos geravam karma devido às suas atitudes negativas, cujo reflexo mais imediato seria uma eventual punição, ou castigo, numa qualquer vida futura.

Nada de mais errado. A única realidade consiste na manifestação dinâmica das Leis Universais. Neste sentido a Lei do Karma manifesta-se na natureza inteira, através de todos os seres, estados de consciência e planos da natureza. É uma energia em acção e, por isso, não pode ser confundida com algo que mais não seria do que a reinvenção do inferno bíblico.

A Lei da Acção e da Reacção prevê que, uma acção exercida sobre algo, suscita da parte deste uma reacção de sentido oposto e intensidade igual à da acção. Ora tem sido o termo “sentido oposto” que tem conduzido à confusão. “Oposto” deve ser entendido no sentido de repor o equilíbrio anterior. E se o equilíbrio anterior foi alterado por uma morte, porque não restaurar o estado primordial dando origem à vida? Por que motivo um assassino não poderá ser, numa vida futura, um excelente médico que, com o seu labor, ajuda a vir ao mundo centenas de crianças, dando-lhes a vida? Não será esta uma forma bem mais bonita de olhar para a Lei do Karma?

QUESTÕES EUBIÓTICAS

Vários membros da Comunidade têm colocado ao Colégio de Estudos algumas interrogações cuja resposta entendemos por bem trazer ao conhecimento de todos.

Uma das questões, colocadas com mais frequência, respeita à distinção entre os diferentes níveis de estruturação dos mundos subterrâneos. Em primeiro lugar, convém sublinhar que a distinção operada apenas tem como objectivo uma compreensão esquemática e funcional da realidade. Não deve, por isso, ser tomada literalmente, mas antes fornecer material adequado para reflexão e posterior enquadramento.

Quando, por questões de compreensão mais imediata, se dividem os mundos subterrâneos em três (ou quatro) níveis, não pretendemos com isso dizer que eles se estratificam, do ponto de vista geológico, segundo várias camadas, com determinada profundidade, constante e invariável. Quando nos referimos a níveis, neste domínio, referimo-nos mais a níveis de consciência, a estados de compreensão das realidades espirituais, a níveis mais

ou menos aprofundados de comunhão com o divino.

Duat é uma região subterrânea compreendida entre a superfície e Agartha. Nessa região, que se estende por todo o globo terrestre, se localizam as consciências que atingiram um determinado estado de evolução espiritual. É verdade que existem seres físicos que habitam essa região – onde estão sediadas muitas das cidades subterrâneas, com suas enormes bibliotecas e templos – mas também não deixa de ser verdade que esses seres possuem desenvolvidas certas capacidades que lhes permitem “ver” noutras dimensões supra-físicas e, assim, privar de perto com outras consciências situadas noutros planos.

Os níveis dos mundos subterrâneos não devem ser entendidos de forma estratificada mas, sim, como níveis de consciência. Melhor seria apelidá-los de regiões. Essas regiões não possuem fronteiras rígidas nem estanques. Os seus limites parecem, assim, interpenetrar-se de acordo com uma dinâmica muito própria, cujos contornos nos compete a nós, discípulos eubiotas, compreender e solucionar.



CALIBURN

*“Em Yod, no punho da espada, desenha-se a cabeça do Homem, a fronte que toca o Cristão quando, benzendo-se, ele chama o Pai.
No Vau, a lâmina, aparece a coluna vertebral na qual correm as energias do Pai para a criação do Filho. Nos Hé, os dois cortantes, desdobram-se os pulmões, que prolongam os dois braços e as duas mãos do Homem, que o Espírito enche do alento da vida”.*

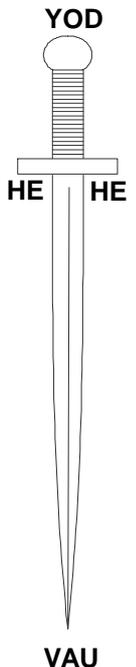
Annick de Souzenelle em “De l’arbre de vie au schema primordial”

Analiseemos alguns dos elementos constituintes da ESPADA. Sabemos que o Verbo de Deus se encontra velado na primeira letra YOD do Tetragrama Sagrado. Ele é, pois, o Germe Divino de toda a palavra, o princípio único que é origem de todas as coisas. Ele é, segundo Michel Coquet, o equivalente no Homem do “Eu Real e Absoluto”, ou o ponto no centro do círculo, que se identifica com a séfira KETHER.

Ora, o elemento a que corresponde este YOD na espada é o *botão do punho*. Ele representa pois esse gérmen primordial, esse som representado por um segmento unitário encimado por um ponto! Curiosamente, é junto a essa zona que o dedo mínimo – o dedo cardíaco – aplica a força raiz da espada. Sim, porque para que a espada não salte da mão e se mantenha firme, necessário se torna que esse dedo esteja bem apertado. É por isso que, em muitas espadas, nesse extremo existe uma pequena esfera...

Repare-se, agora: a extremidade oposta ao botão é pontiaguda, unindo as partes laterais, como na letra V. É o VAU ou Vov, a terceira letra sagrada associada, no sinal da cruz, ao Filho... A espada estende-se assim como elemento espiritual (no Oriente o metal é o elemento do espírito) do botão à ponta e é, como tal, que ela deve ser utilizada quando desembainhada. Ser uma “expressão justa” do Pai para com o Filho.

Os *dois cortantes* associam-se à polaridade dos dois pulmões e dos dois braços e mãos, por onde o ar e os “ares” do Espírito circulam. Já o ramo protector do punho representará, não só o aspecto protector material – protegendo a mão – como a própria mãe que, no seu aspecto divino, protege o filho e o conduz à Iluminação.



.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

A reforma do rei Amenóphis IV não foi, propriamente, uma reacção política contra a autoridade invasora desses intendentos do palácio que eram os grandes sacerdotes de Amon, mas, tão somente, uma forma mais humana de religião, ou seja, a mesma concepção arcaica que tinha sido a sua florescência no tempo do antigo Império, quando o deus Ra dominava os deuses vivos; ou melhor, uma reminiscência atlante mais consentânea com os princípios superiores ou divinos...

Como um grande reformador, Kunaton acabou com a antiga escola dos artistas decoradores de templos, encorajando-os e aconselhando-os a abandonar o velho estilo convencional e artificial, por outro mais próximo da natureza. Fez com que o representassem, por exemplo, em companhia dos seus, tal como eram, e não por meio de artifícios, como se fazia anteriormente; com as suas imperfeições físicas e na intimidade de sua família, onde quase sempre era encontrado. Nesses quadros, que ainda subsistem, vemo-lo sempre em atitudes familiares, cercado de sua mulher e filhas.

No fim do seu reinado, o faraó delega ao seu mais devotado confidente – Morirá – o cargo de Sumo Sacerdote e grande vidente de Aton, porém, tendo o cuidado de lhe não conferir funções civis, isolando-o nas suas próprias, e confiando a outro, de nome Mirtabá (nome e facto desconhecidos dos próprios egiptólogos), a administração financeira e jurídica do Egito. Nesse caso, uma espécie de Colunas ou Ministros, da qual Ele, Kunaton, representava a Central, na mesma razão das do Rei do Mundo e seus dois Ministros, Mahima e Mahinga, por sinal que escritos também com a mesma letra M, que, em si, já é um mistério... Haja em vista os termos Mênfis-Misraim (e até Maisim para a terceira coluna), de certo rito egípcio hoje pouco conhecido.

Henrique José de Sousa

in “Amenóphis IV ou Kunaton”, Dhâranâ nº 52 a 66 – Abril de 1930 a Junho de 1931

“Eu não tenho família;
Converto o Céu e a Terra em minha família.
Eu não tenho lar;
a sede do meu espírito (em meu corpo) é meu lar.
Eu não tenho poder;
a interacção é o meu poder.
(...)
Eu não tenho poderes mágicos
a força interior é a minha magia.
(...)

Eu não faço milagres
a Lei é o meu milagre.
(...)
Eu não tenho inimigos;
a irresponsabilidade é o meu inimigo.
Eu não tenho protecções;
a benevolência é a minha protecção.
(...)
Eu não tenho arma;
onde fica o acima e o além dos pensamentos,
aí eu obtenho a minha espada.

Extracto de um poema japonês de autor desconhecido

A DANÇA DE SHIVA

Fritjof Capra, o célebre autor de “O Tao da Física”, numa sua conferência proferida em Los Angeles, em 29 de Outubro de 1977, num Simposium sobre “Física e Metafísica”, dizia entre outras coisas:

“Em contraste com a concepção mecânica da ciência ocidental, a visão oriental bem poderia denominar-se orgânica, integral ou ecológica. As coisas e os fenómenos percebem-se como manifestações diferentes da mesma realidade. A divisão do mundo em objectos isolados, ainda que útil e prática no nível de cada dia, é considerada como uma ilusão, “Maya”, como dizem os Indús. Para o místico oriental, os objectos possuem um fluído e um carácter de mutação constante. A mudança e a transformação, o fluxo e o movimento, jogam um papel essencial em sua concepção do mundo. O cosmos é considerado como uma realidade inseparável, sempre em movimento. É algo vivo, orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo. Uma visão similar está agora surgindo na Física moderna.”

“A Teoria do Quantum mostrou que as partículas subatómicas careciam de sentido como entidades separadas e unicamente podiam explicar-se como interconexões entre os distintos factores de observação e medida. As partículas não são coisas, as quais, por sua vez, são interconexões entre outras coisas, e assim sucessivamente.”

“A Teoria do Quantum revela desta forma uma unidade básica de todo o universo, ao mesmo tempo que demonstra que não é

possível decompor o mundo em pequenas unidades de existência independentes. À medida que penetramos na matéria, a Natureza não nos mostra nenhum bloco básico isolado, mas aparece como uma complexa trama de relações entre as distintas partes de um todo unificado.”

“A física moderna não pensa que a matéria seja passiva e inerte, mas que está continuamente dançando e vibrando. E isto é bastante similar à descrição que fazem do mundo os místicos orientais. Ambos põem de relevo que o universo há-de ser entendido de uma maneira dinâmica, pois suas estruturas não são estáticas e rígidas, antes têm de contemplar-se em termos de equilíbrio dinâmico.”

“Os físicos falam de uma dança contínua de matéria subatómica. Chegaram a utilizar termos, tais como “dança de criação e destruição” e “baile de energia”. Isto é a primeira coisa que surge à mente quando se vê as imagens dos movimentos das partículas obtidas pelos cientistas em suas câmaras especiais.”

“Naturalmente, os cientistas não são os únicos que falam desta dança cósmica. Talvez o exemplo mais belo desta metáfora se dê no Hinduismo: a imagem do deus Shiva dançando. Shiva é a personificação da dança cósmica. De acordo com a tradição hindu, toda a vida não é mais que uma acção rítmica e recíproca de nascimento e morte, de criação e destruição.”

Extraído da Obra “Meditação e Mantras, de Swami Devananda

A ALDEIA GLOBAL

Neste preciso momento, mais de 3 milhões de pessoas, em média, estão ligados a essa poderosa rede de comunicação chamada Internet.

Mas em que consiste a Internet? Essencialmente naquilo que o próprio nome diz. Uma rede internacional. Uma rede de computadores, interligados entre si, espalhados por todos os continentes, e que guardam informação ou permitem a comunicação entre pessoas.

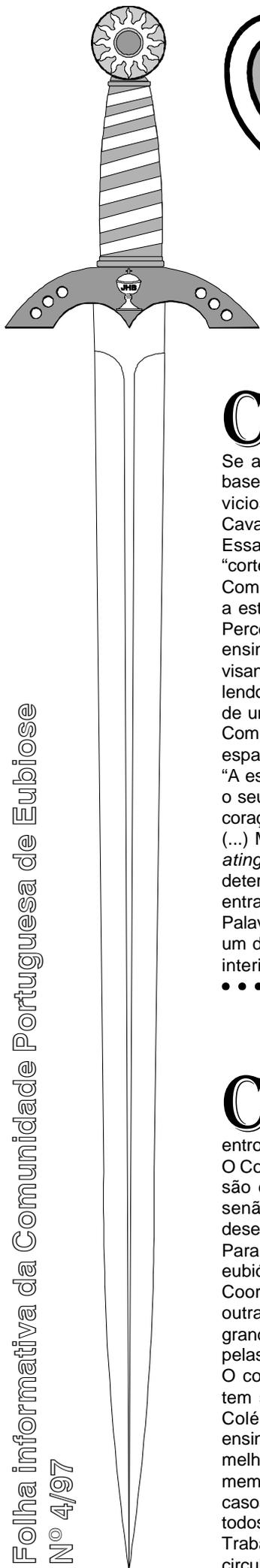
Mas o que é mais espantoso é o universo de possibilidades aberto com este poderoso meio de comunicação. É possível enviar mensagens de correio privadas para qualquer parte do mundo, para outro utilizador ligado à Internet, em poucos minutos. É possível participar em grupos de discussão pública sobre os mais variados temas, desde o cinema à literatura, passando pela astrologia, a alquimia, o budismo zen, a maçonaria, o rosacrucianismo, as civilizações desaparecidas e, reparem bem, os mundos subterrâneos. Sim! Existem grupos de discussão pública, na Internet, sobre mundos subterrâneos.

As mensagens que, diariamente, são colocadas nesses grupos

chegam a atingir, no caso da astrologia, as 100 mensagens. De todos os cantos do mundo. Do Japão ao Alasca, de Portugal à Venezuela, de Rússia à África do Sul.

Em finais de 1995, uma estimativa por alto contava cerca de 5 milhões de pessoas, em todo o mundo, com acesso à Internet. Prevê-se que, em finais de 1997, esse numero ascenda aos 100 milhões. Fantástico! Estamos, de facto, perante a tão falada aldeia global.

Do nosso ponto de vista, do ponto de vista dos amantes da Sabedoria Divina, as vantagens são por demais evidentes. Quem não gosta de trocar opiniões com outras pessoas sobre os temas tão aliciantes da Sabedoria das Idades? E quem não gostaria de receber periodicamente, sem nenhum esforço, toda a informação disponível mundialmente sobre estes temas? Enfim, um mundo interminável de possibilidades que se abre, no qual o limite parece ser apenas a nossa imaginação.



CALIBURN

EXCALIBUR E GRAAL

Conteúdo e conteúdo, matéria e espírito, coração e sangue, são pares de elementos complementares na aparente dualidade cósmica. Estes princípios feminino-masculino foram magnificamente simbolizados na Tradição Ocidental Celta-Cristã pelo GRAAL e a EXCALIBUR – o cálice e a espada.

Se a espada representa o princípio activo, assume aspectos que podem ser exteriores, mas sempre com base em princípios interiores ou forças internas capazes de levar o demandador a cortar com as suas acções viciosas, desenvolvendo, progressivamente, o culto das acções virtuosas. Desta forma, a Via Iniciática Cavaleiresca conduziu (e conduz) o argonauta em direcção ao Tosão de Ouro, como demandador do Graal. Essa direcção, esse caminho, passa necessariamente pela erradicação da noção de separatividade, pelo “corte desse ego” que conduziu à queda do Homem e o expulsou do Paraíso.

Compreende-se, então, porque Adão não pode transportar o Graal para fora do Éden, já que ele está associado a este estado primordial, puro, perdido pelo homem simbolizado no Adão, expulso do Paraíso.

Percebe-se, igualmente, porque no oriente a mais nobre arte marcial – a Via do Sabre – tem como finalidade ensinar a “cortar o “ego”. Porém, a arte do manejo da espada, como qualquer outra nobre arte iniciática, visando controlar as emoções e a mente, exige enorme treino e não se aprende ouvindo belos discursos ou lendo obras, por mais bem escritas que sejam. Exige transformação de carácter e outros elementos, através de um intenso treino dado por um mestre.

Compreendem-se, assim, as palavras escritas em 1729 por Shissai Chozan na sua magnífica obra sobre a espada, o “Tengu-Gei Jutsu-Ron” ou “Discurso sobre a Arte dos Demónios da Montanha”:

“A espada está de facto orientada para o combate – para a vitória ou para a derrota; porém, quando se atinge o seu núcleo não se pode deixar de reconhecer que este é o maravilhoso desdobramento da naturalidade do coração. Na verdade, o principiante dificilmente penetrará nessa esfera de um dia para o outro (...)

(...) Mesmo possuindo um coração forte, o homem não conseguirá cumprir a sua função *se ainda não tiver atingido a maturidade técnica* (o itálico é nosso). Essa é praticada através do fluido vital. O fluido é que determina a forma através do coração. Por isso, tudo depende de que o fluido seja cheio de vida, forte, sem entraves ou oscilações”.

Palavras que bem poderiam ter sido citadas por alguns daqueles mestres da cavalaria ocidental que trilharam, um dia, a Demanda do Graal e se exercitaram na utilização correcta da sua espada, fosse ela a exterior ou a interior...



VIVER EM COMUNIDADE

Como os nossos membros conhecem, o desenvolvimento da doutrina eubiótica postula a consecução de dois Triângulos fundamentais de realização: o Grupal e o Individual. Um dos vértices do primeiro deles respeita àquilo a que chamamos a Escola. Esta é o meio, através do qual, os nossos membros se entrosam no conhecimento da Gupta-Vidya, a Sabedoria das Idades.

O Colégio de Estudos é o corpo da Comunidade que superintende as questões do ensino e, por seu intermédio, são colocados à disposição dos Eubiotas todo um conjunto de ensinamentos, cuja finalidade não é outra senão a de armar os nosso membros com um cabedal de conhecimentos iniciáticos que lhes permitam desenvolver, de forma integrada e racional, os outros dois vértices do Triângulo Grupal: o Teatro e o Templo. Para além dos aspectos do ensino, o Colégio de Estudos é, também, responsável pela difusão da doutrina eubiótica num plano mais geral e abarcante. São, por isso, da sua responsabilidade, em sintonia com o Orgão Coordenador, todas as actividades de difusão cultural: conferências, exposições, visitas de estudo, entre outras. Nestas se inclui a publicação da nossa revista GRAAL, cujas edições têm tido enorme sucesso e grande repercussão junto de outras escolas esotéricas e de muitos amigos, e simpatizantes, que se interessam pelas questões espirituais.

O contacto regular que mantemos com todos os nosso membros, através do envio de materiais de estudo, tem sido progressivamente aprofundado. É, assim, frequente muitos dos nossos membros dirigirem-se ao Colégio de Estudos colocando as suas dúvidas e interrogações sobre vários aspectos respeitantes aos ensinamentos ministrados. A todos eles temos dado resposta, de forma individualizada. Este facto tem permitido melhorar, de forma substancial, vários aspectos do vértice Escola. Esta contribuição, fecunda, dos nossos membros tem em muito contribuído para a necessária revisão periódica dos materiais de estudo e, em alguns casos, motivou já a produção de textos complementares que em muito têm enriquecido as monografias de todos os Graus.

Trabalhar e viver em Comunidade é isto mesmo. Trocar experiências, pensar e reflectir em comum, fazer circular as energias que mantêm e tornam viva esta poderosa egrégora que é a Eubiose.

PALAVRAS DE OURO

“Na Minha eterna rebeldia – já que “as almas rebeldes são as que se salvam”, como diz o oráculo, pois, rebeldes devem ser todos aqueles que não estão de acordo com as injustiças e os erros do mundo – digo que o Génio não é o escravo do intelecto, mas sim o seu senhor. Como as águias, não possui outras cadeias, senão suas próprias asas. Eleva-se para os céus desconhecidos, afim de roubar aos deuses seu cetro. Ama quanto deve amar e odeia tudo quanto deve ser odiado. É misterioso peregrino, que em noites estreladas, para interrogar o mistério, dirige sua rota para as constelações sublimes do Espírito. Sua vida é sacrifício, porque, entre os de baixo – tal como é o mundo inteiro – será sempre incompreendido, por levar em sua alma todas as luminosidades do Divino”.

Henrique José de Sousa
in “O que é a Intuição”, Dhârânâ 87 e 88 de 1936

CHARNEIRAS DO TEMPO

Em 1888 Helena Petrovna Blavatsky, em “A Doutrina Secreta”, escrevia na secção XIV, intitulada “Deuses, Mónadas e Átomos”: «A revolução levada a efeito por Avogrado, na velha Química, foi a primeira página do volume da “Nova Química”. O Sr. Crookes acaba de virar a segunda página, e valorosamente aponta a que pode ser a última. Porque, uma vez aceite e reconhecido o Prótio – como foi o Éter invisível, sendo ambos necessidades lógicas e científicas -, a Química terá virtualmente cessado de existir, para reaparecer, em sua reencarnação, como “Nova Alquimia” ou “Metaquímica”. O descobridor da matéria radiante terá feito justiça

às antigas obras arianas sobre o Ocultismo, inclusive aos Vedas e aos Puranas. Pois que são a “Mãe” manifestada, o “Pai-Filho-Esposo” (Aditi e Daksha, uma forma de Brahmã, como Criadores) e o “Filho” – os três “primogénitos” – senão simplesmente, o Hidrogénio, o Oxigénio e o que, em sua manifestação terrestre, é chamado Nitrogénio»

Encontrava-se, de facto, a Ciência num dos seus viraes de página – curiosamente na charneira de um século – que culminaria em 1896 com a descoberta da Radioactividade por Becquerel. A plêiade de descobertas que se lhe seguiram fizeram os físicos e químicos penetrar no “interior dos átomos”, julgados até então como “indivisíveis”. Era de facto o “rasgar do véu de Isis”, como lhe

chamaria também a mesma Blavatsky, mesmo que os cientistas e o mundo disso não se apercebessem.

Um século passou e chegou-se agora a uma nova “charneira”. Esta porém bem mais profunda, pois é última na matéria. Falou-se já em eventuais constituintes dos quarks – possivelmente as U.P.A.’s de Besant e Leadbeater de há um século atrás!...

Estamos pois nos confins da “malha” da Mãe matéria. Por outro lado, descobriu-se o começo do Universo e vê-se no espaço as “luzes fósseis” de há milhares de milhões de anos atrás, quando este Universo era ainda jovem, e outros sinais, como a radiação

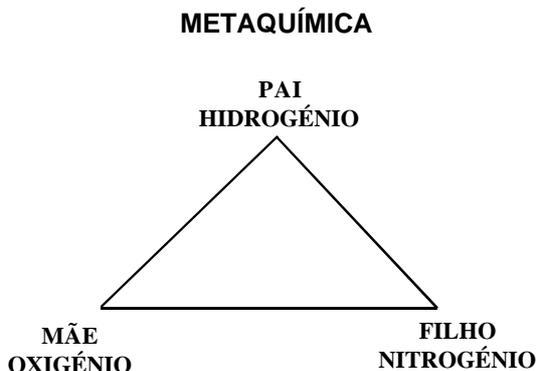
de fundo fóssil do universo bebé.

Cumpriu-se assim a profecia de Blavatsky acima referida. A última página foi mesmo virada e, no futuro, na Nova Idade, ir-se-á penetrar o “mundo psíquico” e “espiritual” a caminho da Verdadeira Última Fronteira. Por agora, a nossa psicologia ainda está na primeira adolescência (há décadas Einstein referia-a apenas na infância)!

Fica a questão de um possível porquê destas “charneiras do tempo”,

coincidentes com as viragens dos séculos. Fica igualmente uma segunda: a da “irrealidade” ou “realidade relativa”, mesmo dos próprios átomos.

No próximo século, o Grande Mágico, com seu “espaço”, “tempo” e “formas” será descoberto como uma Grande Ilusão!



A PROFECIA INCA

Chegou, há algum tempo, ao nosso conhecimento, através da Internet, um artigo de uma senhora chamada Vera Lopez Shapiro em que ela discorre sobre uma chamada Profecia Inca.

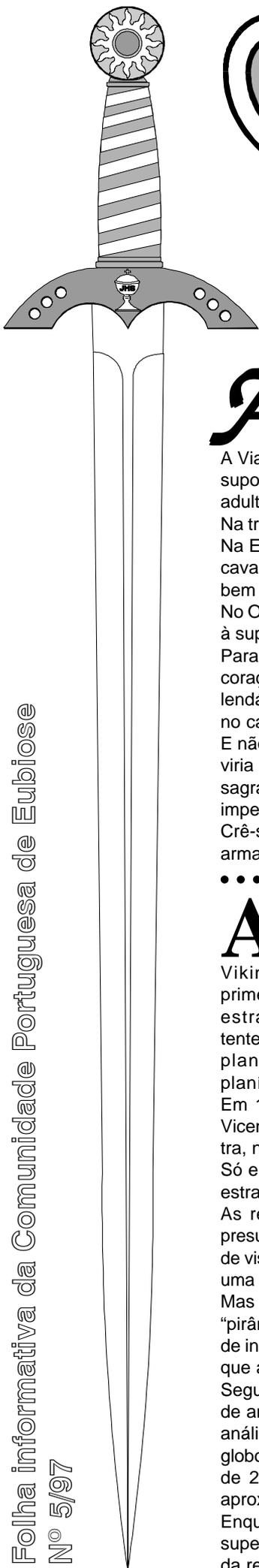
Natural do Brasil, conta-nos que, desde muito nova, se interessou pelos aspectos espirituais da vida tendo, em dado momento, sido compelida a efectuar uma viagem que se haveria de revelar determinante:

“Muitos acontecimentos tiveram lugar na minha vida e acabei por compreender, de forma consciente, que deveria dirigir-me para Machu Picchu, no Peru, onde a minha vida acabaria por se transformar completamente”.

Aí tomaria contacto com uma entidade espiritual, chamada Chuma, que teria sido, numa encarnação anterior, Grã-Sacerdotisa de Machu Picchu. Chuma ter-lhe-ia pedido que, em futuras viagens ao Peru, ela tentasse congregar Brasileiros e Norte-Americanos. Em 1992 a primeira expedição rumou aos picos Andinos.

Dos contactos subsequentes com Chuma, haveria de surgir a profecia Inca. Vejamos um excerto dessa profecia: “Esperámos quinhentos anos. As profecias Incas dizem que, nesta época, quando a águia do Norte e o condor do Sul, voarem lado a lado, a Terra acordará. As águias do Norte não podem atingir a libertação sem os condores do Sul. Aquilo por que esperámos está a suceder agora. Agora é a hora. A Idade de Aquário é uma época de luz, a idade do despertar, a idade do retorno à nossa origem ancestral”. E Vera Shapiro aduz, adiante: “Hoje compreendo que os povos da América do Sul representam o condor e que todos os povos da América do Norte transportam, dentro de si, a águia”.

Curiosamente, tudo isto nos faz reportar à doutrina Eubiótica. Não falou o nosso Mestre na Missão Y, a missão unificadora da 6ª e 7ª Sub-Raças, que deveria congrega as consciências da América do Sul e do Norte? E não conhecemos nós, da facto, a importância particular de Machu Picchu?



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (I)

A Via do Guerreiro foi e continua a ser a própria essência das Ordens de Cavalaria, a viga mestra onde se apoiaram as capas de diversas matizes religiosas e militares. No Ocidente, como sabemos, estas Ordens estiveram intrinsecamente ligadas ao cristianismo, bem como à tradição judaica e mesmo às velhas raízes célticas.

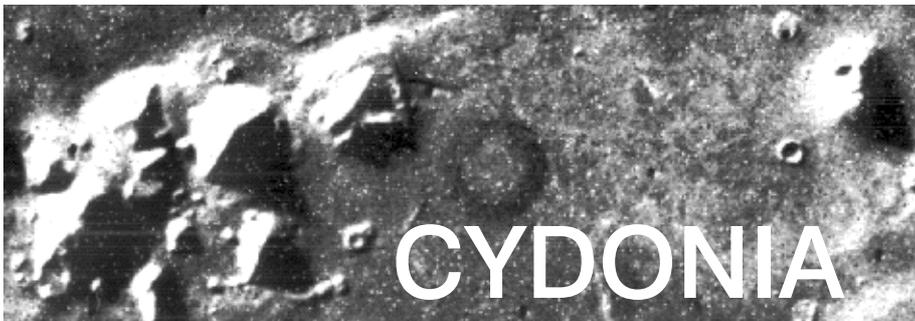
A Via do Guerreiro é, porém, uma via universal e mesmo atemporal. Não necessita, de facto, de um qualquer suporte religioso para se apoiar e não entra em contradição com qualquer genuína tradição religiosa, se não adulterada. A sua essência é profunda, pois assenta na “Visão de Shamballah”.

Na tradição judaica, esta via manifestou-se através dos grandes soberanos bíblicos, como o famoso rei David. Na Europa medieval cristianizada teve, por certo, expressão na lendária corte do rei Artur e em sua sagrada cavalaria, a tal ponto que pôde vir a ser fonte de inspiração para a mais nobre cavalaria durante séculos, tão bem expressa no nosso país num Nuno Álvares Pereira.

No Oriente, vêmo-la expandida por praticamente toda a Ásia. Os princípios do “guerreiro iluminado” trouxeram à superfície o ideal do samurai japonês, tanto quanto do guerreiro da Coreia, da China, da Índia ou do Tibete. Para ver um pouco do que é essa via, basta recordarmos a extraordinária obra que é o Bhagavad Gita, o coração da grande epopeia hindu do Ramayana, onde se mostra Arjuna como um aprendiz de guerreiro, o lendário discípulo de Krishna, ao qual este ensina as diferentes Vias do Yoga e o incita ao “combate sagrado” no campo de Kurukshetra.

E não poderemos deixar igualmente de citar Guessar de Ling, rei que viveu no Tibete Oriental do séc. XI, que viria a dar origem a um dos maiores mitos do Oriente, senão do planeta, ao transformar-se no “guerreiro sagrado” por excelência. Ainda hoje, muitos tibetanos acreditam que fora guiado pelos Rigden – os soberanos imperiais de Shamballah – e pela sabedoria de Shamballah, com a qual manteria elos de ligação espiritual. Crê-se mesmo, segundo várias lendas, que ele regressará, no futuro, de Shamballah, “à cabeça de uma armada para conquistar as forças tenebrosas do mundo”.

A 25 de Julho de 1976 a sonda americana Viking obtinha a primeira fotografia da estranha face existente na superfície do planeta Marte, na planície de Cydonia. Em 1977, o professor Vicent Di Pietro encontra,



nos arquivos da NASA, essa fotografia e uma outra a que foram dadas as referências 35A72 e 70A13. Só em 1980 Di Pietro, e outros, publicam o primeiro artigo não só sobre a face referida mas, também, sobre estranhas edificações piramidais localizadas na mesma região da superfície marciana.

As referências à possibilidade de construção destas edificações por alguma forma de vida inteligente, presumivelmente humana, é desde o princípio ferozmente criticada pela NASA, que apelida os referidos cientistas de visionários e loucos. Para a agência espacial americana aquelas formas seriam apenas o resultado fortuito de uma ou outra fotografia tirada com especial ângulo de incidência, com uma feliz iluminação da sua superfície.

Mas o que a NASA não conseguiu explicar, até ao presente, é a razão pela qual esta face, e as chamadas “pirâmides marcianas”, apresentam sempre o mesmo aspecto em várias fotografias com diferentes ângulos de incidência e diferentes tipos de iluminação. Sagan, a princípio bastante crítico, acaba por, em 1996, afirmar que a hipótese deve merecer o interesse da comunidade científica.

Segundo alguns modelos científicos as edificações da região de Cydonia remontam há cerca de 500 milhões de anos e constituem um complexo de construções a que se apelidou de “A Cidade”. Técnicas recentes de análise fotográfica por computador permitiram descortinar, na face, a existência de uma íris no centro do globo ocular mais visível e, inclusivamente, a forma dos dentes na cavidade bucal. Com dimensões aproximadas de 2x2 Km a face encontra-se localizada num dos extremos da região de Cydonia, cuja área ocupa, aproximadamente, um rectângulo de 60x40 km. Dimensões verdadeiramente impressionantes.

Enquanto a recém chegada sonda americana Pathfinder continua o seu périplo pelas regiões inexploradas da superfície marciana, circula, através da Internet, uma petição dirigida à NASA, para iniciar o estudo sistemático da região de Cydonia. Duvidamos do sucesso desta petição.

A IDADE DOS ANDRÓGINOS

Os Romanos tinham ideias um tanto estranhas a respeito do Cristianismo. Julgavam, por exemplo, que os cristãos adoravam um peixe, porque Ichthus era a palavra de passe das catacumbas. Tal símbolo era desenhado por onde os mesmos passavam, não apenas como pensam alguns, “a iniciação do Nilo e do Mundo Astral”, como uma das suas sete chaves cabalísticas, mas ainda, “o precioso símbolo do avatara Peixe”, que seria doravante... o exaltado na Terra. O mesmo Jeoshua, como um Iniciado nos grandes Mistérios, quando lhe apresentam a mulher adúltera, traça no chão o referido símbolo, já então, no seu sentido de “signo zodiacal” estreitamente ligado à queda no Sexo. E a prova é que, sem olhar para os apóstolos, envolvidos pela plebe ignara, tem estas palavras: “Aquele que

estiver isento de pecado (deste pecado, teria Ele dito...), que lhe atire a primeira pedra...” E ninguém ousou fazê-lo, o que era e continua sendo muito natural...

A Humanidade inteira vive “crucificada no Sexo”, mas dia virá em que será de todo redimida. É a chamada “Idade dos andróginos”, tal... como o foi no começo das coisas, porém, dessa vez, a humanidade inteira isenta de tamanha culpa. E então, os doze signos zodiacais, os 12 apóstolos, os 12 Cavaleiros da Távola Redonda, os 12 pares de França –se farão Dez... Por isso que, o signo da Balança (ou seja o do planeta Venus...) separa os de Marte e Mercúrio: Scorpio e Virgo. Sim Mãe, Filho e Pai! Até lá o silêncio profundo do Mistério!...

Henrique José de Sousa

in “Cagliostro e São Germano”, Dhâranâ nº 110 de 1941

☸

A CONJUNÇÃO URANO/NEPTUNO DE 1993

☸

Uma das facetas mais interessantes da Internet é a existência dos chamados “newsgroups”. Os “newsgroups” são conhecidos, também, como “grupos de discussão”.

As pessoas que participam nestes grupos de discussão enviam as suas mensagens escritas para leitura de todos os participantes. Com o programa informático adequado podemos inscrever-nos nesses grupos e, sem qualquer obrigatoriedade de participar, assistir às diferentes discussões que se vão desenvolvendo sobre os mais variados temas.

Um desses grupos de discussão é referenciado pela seguinte sigla “alt.astrology” e, como o seu nome parece indicar, trata-se de um grupo de discussão sobre um tema alternativo, a astrologia. De uma comunicação intitulada “A conjunção Urano/Neptuno de 1993”, assinada por Edmond H. Wollmann, retirámos o seguinte excerto que, pensamos, será do interesse de todos.

“A conjunção Urano/Neptuno de 2 de Fevereiro de 1993 conclama à transformação das nossas fraquezas em forças, através do reconhecimento da capacidade de discriminação e escolha (Urano) perante os cenários da realidade externa (Capricórnio) e respectiva fusão com os aspectos de maior expansão da nossa

natureza interior (Neptuno). Dito de modo mais simples, devemos começar por reconhecer que a nossa consciência não reside no nosso corpo, mas que o nosso corpo se move na nossa consciência e é a manifestação física do espírito.

Em primeiro lugar, por si só, a conjunção Urano/Neptuno manifesta a transformação política que deve ser operada para sermos conduzidos, social e religiosamente, de uma perspectiva individual (Urano) para uma dimensão colectiva (Neptuno). No Capricórnio, ela indicia que a principal área de reforma se situa na esfera das estruturas governamentais e das ciências políticas.

A conjunção de 2 de Fevereiro De 1993 pode ser entendida como o início de uma nova era, de uma nova idade, já que Sol e Mercúrio se posicionam no Aquário.

Os Maias sabiam já que 1992 marcaria o início do último período de 20 anos com que irá terminar o grande ciclo cósmico Maia de 5125 anos e através do qual seremos transportados para uma nova dimensão...

Na nossa opinião, a conjunção Urano/Neptuno, que atravessámos, foi um sinal deixado à humanidade para que acordasse e transformasse os seus sonhos em realidade.”



NOVA REVISTA



Há alguns meses atrás tomámos contacto com uma publicação mensal, de origem inglesa, chamada “Quest for Knowledge”. Sucedânea de uma outra intitulada “Amateur Astronomy and Earth Science”. Esta revista surpreendeu-nos pela forma cuidada da sua apresentação mas, essencialmente, pelo conteúdo temático apresentado e pela forma como ele é tratado.

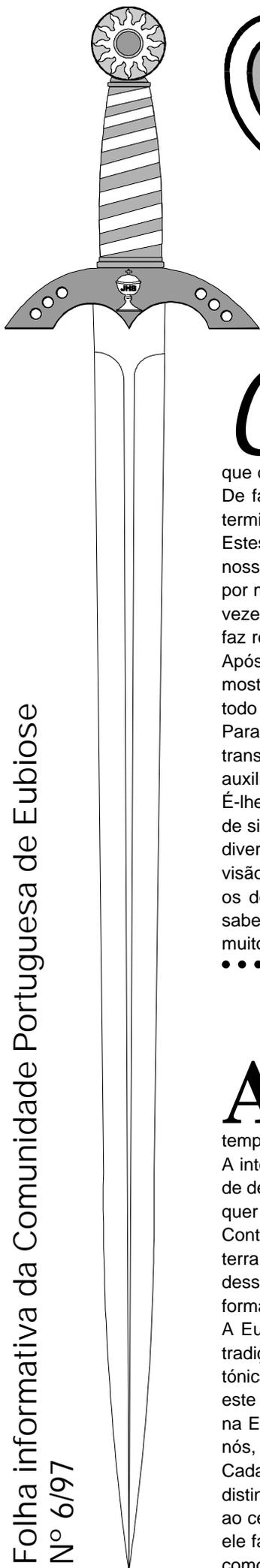
Os temas apresentados relacionam-se essencialmente com assuntos de ordem espiritual mas perspectivados segundo uma óptica de base científica, o que torna esta revista um excelente instrumento de consolidação de saberes e conhecimentos, relativamente aos quais se torna necessário, muitas das vezes, uma sólida fundamentação.

No primeiro número fomos agradavelmente surpreendidos com um interessante artigo sobre os enigmas da cartografia, onde são apresentados e analisados antigos mapas nos quais se referenciam já os continentes americanos e onde se pretende provar que o seu conhecimento era um dado adquirido entre

muitos dos navegadores do passado. Um outro artigo sobre os Maias e as suas tradições fornece também elementos de considerável valor para a análise esotérica das civilizações meso-americanas.

No segundo número distinguimos uma interessante análise sobre o microcosmos e o macrocosmos e as suas relações. De referir, também, um artigo sobre o cometa Hale-Bopp e o estudo das implicações que teria a queda de um corpo deste tipo sobre a Terra. Curioso, ainda, um artigo intitulado “Pirâmides planetárias”, onde se demonstra que as pirâmides do Egipto, pelas suas dimensões, mais não são do que representações à escala de Marte, Vénus e a Terra.

Artigos sobre a Atlântida, as pirâmides do Egipto, a astrologia, as tradições secretas, entre outros, tornam esta revista uma consulta aliciante para aqueles que buscam, no panorama editorial, elementos de reflexão sobre as temáticas de ordem espiritual perspectivadas numa base científica.



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (II)

O aprendiz de guerreiro penetra na Via ao examinar minuciosamente os hábitos e os conceitos de que a sociedade mundana se alimenta, escutando as palavras do Mestre que lhe complementa a Visão do verdadeiro “demónio” em que se transformou o ser humano. A sua magia – a magia de uma personalidade egoísta ultra-sofisticada dos dias de hoje – é, a bem dizer, uma magia negra, mesmo que disso não se aperceba, mesmo que em tal não acredite.

De facto, o guerreiro vai ter de abandonar a débil e distorcida visão do “feiticeiro negro”, para usarmos a terminologia de D. Juan, ou do “sol poente”, se preferirmos a de Chogyam Trungpa.

Estes verdadeiros Mestres da Via do Guerreiro, quiçá os exemplos mais famosos desta transmissão nos nossos tempos, apresentaram a Tradição do Guerreiro segundo ângulos de visão bem próximos, ainda que por métodos aparentemente diferentes e com recurso a técnicas de ensino, senão sempre coincidentes, por vezes mesmo de “aparência oposta”. D. Juan transmitiu o que se poderia chamar de tradição shamânica, que faz recurso, quando necessário, a plantas alucinogéneas naturais.

Após a análise do que é o mundo mundano, o Guerreiro “refugia-se” no mundo sagrado, cujo percurso lhe é mostrado. A partir daí transforma-se num verdadeiro praticante espiritual, já que vai usar toda a sua força, todo o seu ser, para enfrentar os “inimigos” que criou no seu interior e que enevoam a luz primordial do Paraíso Perdido que há em si. Procurará, por certo, encontrar a “espada sagrada” e “purificar-se”, de forma a transformar-se “num cálice sagrado”, verdadeiro contentor do espírito. Deseja regenerar-se integralmente e auxiliar, em paralelo, a transformar o mundo numa sociedade redimida.

É-lhe mostrado, desde o início, que a visão mundana outra não é que uma visão egoísta, a visão da importância de si próprio, sem reparar na igualdade intrínseca dos outros, uma visão de história pessoal (mais ou menos diversa, mas de experiências pouco criativas e bem mais similares às dos outros do que ele pensa), uma visão de grande irresponsabilidade ou fraca responsabilidade, de falta de bondade para consigo e para com os demais, cheia de medos diversos (em particular do da morte), de conhecimentos múltiplos (e pouca sabedoria), de auto-convencimento da posse de ideias próprias, de muito tempo para se transformar, de muito tempo para viver ...



OS CHACRAS DA TERRA

A Eubiose, perspectivada como corpo doutrinário específico, fundamenta-se na realidade dos chamados Mundos Subterrâneos. Estes mundos existem concretamente e nele vivem seres humanos que souberam elevar-se para além das contingências do mundo exterior impulsionando, ao longo dos tempos, os destinos da Humanidade no sentido da plena realização das suas qualificações espirituais.

A interiorização desses povos processou-se em meados da raça Atlante, motivada pelo complexo processo de desenvolvimento social dessa civilização, que haveria de culminar com o seu desaparecimento provocado quer pela utilização de meios de destruição massiva quer através de vários cataclismos de ordem natural.

Contudo, o processo de evolução peculiar dos Mundos Subterrâneos implicaria o afloramento, à superfície da terra, de centros vitais para o intercâmbio de energias entre o exterior e o interior do planeta. Foi em torno desses centros que se desenvolveram as principais civilizações pós-diluvianas que haveriam de dar corpo e forma às suas sucedâneas, nas quais a nossa civilização actual se fundamenta.

A Eubiose possui, assim, e nesta perspectiva, os seus centros peculiares de irradiação planetária. Outras tradições, dadas as suas características específicas, estarão ligadas a outros centros, de acordo com a sua tónica particular do seu trabalho e missão espiritual. É fundamental que os estudantes da Eubiose compreendam este aspecto, na medida em que ele é, muitas vezes, motivo de perplexidade e de alguma confusão. Quando na Eubiose falamos dos chacras planetários, estamos a referir-nos a esses centros de irradiação que para nós, Eubiotas, têm significado espiritual e estão ligados à nossa Obra.

Cada um destes centros possui as suas características específicas e está estruturado segundo três níveis distintos, mas complementares, de trabalho espiritual. O primeiro relaciona-se com a sua ligação particular ao centro correspondente situado no interior do planeta. O segundo está ligado à energia específica que ele faz dimanar para a Humanidade e que está de acordo com as suas qualidades energéticas. O terceiro, como aspecto de síntese, prende-se com a ligação que ele opera com um centro sideral determinado.

AS PLÊIADES

As Plêiades constituem o grupo central de toda a simbologia sideral. Chefiando a constelação de Taurus, são consideradas como o “grupo central da Via Láctea”, a “Grande Serpente Celeste”. Tanto para a Kábala como para o Esoterismo Oriental, elas constituem o “Septenário Sideral” nascido do primeiro lado manifestado do “Triângulo Superior Oculto”, o mesmo que a Igreja apresenta como “Aquele em cujo centro figura o Olho da Divindade” e a Maçonaria o “Supremo Arquitecto”. Símbolo do UM, de preferência, do Uno-Trino, e também do Aleph (a primeira letra do alfabeto hebreu, com o sentido oculto de Deus, Allah, Brahmã,

Osiris, etc, segundo todas as teogonias orientais e ocidentais), o Touro ou Boi, cuja síntese é o DEZ (10) ou IOD, como letra e numero perfeitos.

As Plêiades, principalmente Alcione, até mesmo pela astronomia oficial “são consideradas como ponto central em torno do qual gira toda a grande massa de estrelas fixas” que compõem o nosso universo, o foco sobre o qual converge e age, incessantemente, o Divino Sopro (“o Sopro de Brahmã ou Deus, nas narinas de Adam” ou Adão, como quer a Igreja) que produz todo o movimento vital do Universo durante o presente Manvantara...

H.J.Sousa in “Virgens Mães”, Dhâranâ nºs 142 a 144 de 1951

PALAVRAS DE OURO

Há cinco espécies de meditação: A primeira, é a do Amor, pela qual teu coração desejará a prosperidade a todos os seres, inclusive aos teus inimigos.

A segunda, é a da Compaixão, que se moverá a pensar em todos os seres angustiados, representando vividamente em tua imaginação suas penas e ansiedades, e sentindo para com eles profunda comiseração.

A terceira, é a da Alegria, durante a qual pensarás no bem-estar e

contentamento dos demais.

A quarta, é a Meditação sobre a Impureza, durante a qual considerarás sobre as funestas consequências da corrupção, dos efeitos da falta de saúde e da enfermidade, pensando quão frívola ela o é, mas, quão fatais são seus resultados.

A quinta, é a Meditação sobre a Serenidade, durante a qual te sobreporás ao Amor e ao Ódio, à tirania e à sujeição, à riqueza e à pobreza, considerando tua sorte com perfeita tranquilidade.

Sidarta Gautama Buda

Manual do Guerreiro da Luz

Paulo Coelho é um dos mais consagrados escritores de língua portuguesa. Galardoado com vários prémios literários, a sua obra está traduzida em mais de 30 idiomas. Autor de obras como “O Alquimista”, “Brida” ou “Diário de um Mago”, Paulo Coelho acaba de nos brindar com a sua mais recente obra, “Manual do Guerreiro da Luz”, que acaba de ser dada á estampa em Portugal. Neste livro se reúnem pequenos textos, publicados na imprensa brasileira entre 1993 e 1996, consagrados à problemática do Guerreiro e nos quais Paulo Coelho, com a elegância poética que lhe é reconhecida, reflecte sobre o difícil equilíbrio que preside à interacção dos “Guerreiros da Luz” com o mundo que os rodeia. Com a devida vénia citamos um desses textos:

“Os Guerreiros da Luz reconhecem-se pelo olhar. Estão no mundo, fazem parte do mundo, e ao mundo foram enviados sem alforje e sem sandálias. Muitas vezes são covardes. Nem sempre agem correctamente.

Os Guerreiros da Luz sofrem por tolices, preocupam-se com coisas mesquinhas, julgam-se incapazes de crescer. Os Guerreiros da Luz, de vez em quando, crêem-se indignos de qualquer benção ou milagre.

Os Guerreiros da Luz, com frequência, interrogam-se sobre o que fazem aqui. Muitas vezes acham que as suas vidas não têm sentido. Por isso são Guerreiros da Luz. Porque erram. Porque interrogam. Porque continuam a procurar um sentido. E acabarão por encontrá-lo.”

OS CRÂNIOS DE CRISTAL

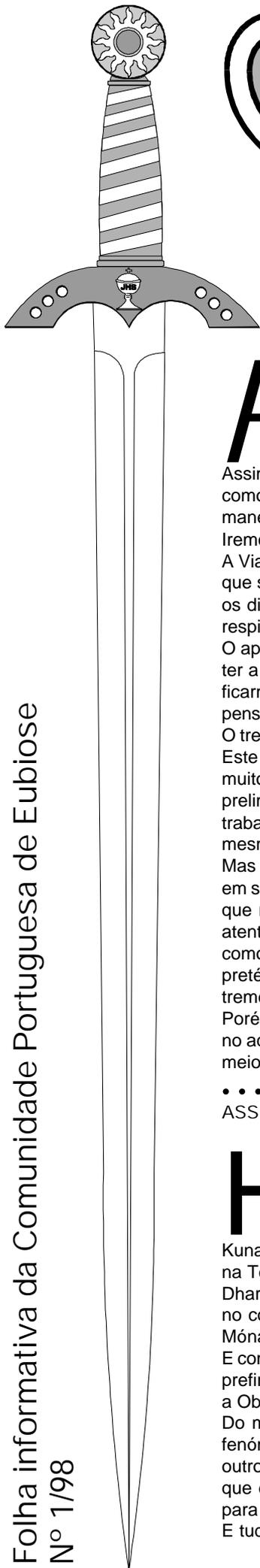
Um dos temas mais interessantes do esoterismo, ainda que pouco conhecido, relaciona-se com os crânios de cristal. Sobre este tema muita informação útil poderá ser consultada na página da Internet cuja referência é:

<http://www.execpc.com/vjentpr/excerpts.html>

Mas onde reside o cerne desta problemática? Desde finais do século passado têm sido descobertos, nas Américas Central e do Sul, grandes cristais de quartzo talhados segundo a forma de um crânio. Nestes se podem distinguir as órbitas oculares, osso do nariz e maxilares, dentes, perfeitamente talhados e esculpidos com as dimensões de um verdadeiro crânio humano. Não se conhece ao certo a localização original de alguns destes achados mas, outros, foram descobertos em escavações de antigas cidades incas e maias e, segundo parece, os primeiros daí procedem, também. Estas considerações conduziram ao empenhamento de algumas pessoas, com características de clarividência, no sentido de determinar o real significado daqueles fenómenos.

As conclusões a que foi possível chegar são, deveras, curiosas e podem conduzir-nos a nós, eubiotas, a interessantes reflexões. Para além do anormal comportamento físico manifestado em todas as experiências técnicas, os aspectos mais interessantes haveriam de vir a lume pelas experiências de alguns clarividentes. Segundo eles, os crânios teriam sido trazidos para a Terra por uma civilização do espaço exterior. Posteriormente, quando essa civilização abandonou o planeta, os crânios teriam sido colocados em doze templos Atlantes, onde teriam funções de cura e de manutenção do equilíbrio planetário. Após a catástrofe atlante esses cristais teriam sido colocados no interior da Terra. Um deles estaria localizado sob o Potala, palácio morada do Dalai Lama, em Lhasa, no Tibete.

O motivo pelo qual foi possível encontrar esses crânios permanece, ainda, um mistério. Talvez que estes não sejam os originais mas, sim, uma representação dos verdadeiros cristais, cuja morada poderá ser, ainda, o Santuário mais inacessível da Mãe Terra.



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (III)

Podemos, sobretudo, dizer que a Via do Guerreiro faz parte, de facto, dos Ensinamentos de Shamballah, desse Reino que é a verdadeira fonte do ideal de iluminação secular. Se, por um lado, a tradição de Shamballah repousa sobre a doçura da tradição búdica, não é menos verdade que a sua transmissão se refere à possibilidade de enobrecimento da existência humana sem recurso à religião.

Assim, a “Visão de Shamballah” aponta ao desejo de se levar uma existência sã e completa, não só para nós como para os que nos rodeiam. Por isso, o guerreiro vai trabalhar sobre si e sobre o mundo, mas não de maneira egoísta.

Iremos precisar, agora, alguns aspectos diversos da Via do Guerreiro, na sua verdadeira e única essência. A Via do Guerreiro assenta num trabalho individual de descoberta da forma como a nossa mente funciona, do que são os nossos pensamentos e de como nos emergem. Tal trabalho – de meditação – leva-nos a verificar os diferentes tipos de pensamentos que temos no dia a dia e a sua contemplação (feita sentada e atenta à respiração) nos fará descobrir a emergência de todos os tipos, indo dos “monstruosos” aos “benevolentes”. O aprendiz de guerreiro, porém, não se preocupará muito em catalogá-los. Diremos como Trungpa: “pode-se ter a ideia de assassinar o pai ou o desejo de preparar uma limonada e comer biscoitos”. O essencial é não ficarmos chocados com eles. Eles são os “nossos pensamentos” e um pensamento é, simplesmente, um pensamento. “Nenhum pensamento nos merece uma medalha de ouro, assim como não merece uma blasfémia”. O treino consistirá, por exemplo, em colocar-lhe a etiqueta “pensamento” e retornar a contemplar a respiração. Este trabalho não deve ser conduzido somente em termos de espírito, visto, como imprópria e primariamente muitos o fazem, como “espiritual”, pois teremos de envolver completamente “espírito e corpo”, mesmo na fase preliminar do aprendiz de guerreiro. O guerreiro vai descobrindo ao longo da via o seu corpo e o seu espírito, trabalha do subtil ao denso, sem fazer juízos mundanos de tudo o que o rodeia, mesmo dos seus pensamentos, mesmo das ideias comuns que lhe incutiram sobre o corpo, sobre maior ou menor pureza disto ou daquilo. Mas a sua via não é simplesmente ele. Descobrindo o sofrimento em si, as dificuldades em si, os pensamentos em si, ele descobre-os nos outros, ele contempla as dificuldades e as dores do mundo, a angustia da confusão que reside nesse mesmo mundo e trabalha para o auxiliar. Esse é o trabalho “exterior” do guerreiro. Ele – atento sempre à “Visão de Shamballah” – trabalha sobre si e sobre o mundo com a meta de, não só despertar, como auxiliar a que um mundo desperte e ultrapasse as dificuldades em que vive. Tal foi assim nas épocas pretéritas. Tal é hoje a mesma Via, por maioria de razão, nesta época charneira de tempos, nesta época tremendamente difícil, mas inversamente cheia de possibilidades.

Porém, o guerreiro, como verdadeiro yogui que é, “tira a sua energia” precisamente da mudança, da ocorrência no aqui e agora. Desenvolvendo a meditação a níveis cada vez mais “profundos”, esta torna-se um “excelente meio” de vencer a guerra neste mundo, como a nossa própria guerra.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

Há quem afirme que a obra de Kunaton foi prematura e precipitada! Nesse caso também o foram as de Yezeus-Krishna (3500 a.C.), a do mesmo Gautama, o Buda, a de Jeoshua (o Jesus bíblico) e outros mais, pois os homens continuam tão perversos como o eram nas épocas em que esses Seres fizeram a sua *aparição* no mundo.

Kunaton foi, pois – mais uma vez dizemos – a manifestação desse mesmo Espírito de Verdade, manifestado na Terra quando “os homens, insuflados pelos gananciosos sacerdotes de Amon, achavam-se afastados de Dharma, a lei justa”, para não dizer, adulteraram a Verdade por Ele mesmo (Espírito de Verdade) impulsionada no começo das coisas. *Ontem como hoje! Hoje como amanhã!*, até chegar o Grande Dia da Superação da Mónada.

E como estamos atravessando uma época idêntica àquela, é muito natural que vultoso número de inconscientes prefira seguir o Espírito das Trevas, ou seja, o mesmo que, em todos os ciclos de decadência, procura destruir a Obra do Bom Semeador.

Do mesmo modo que outrora Kunaton representava a Luz e Tut-Ank-Amon a Sombra, nos dias actuais o fenómeno é reproduzido de modo mais patente: de um lado, a Construção, a Obra do Bom Semeador; do outro, a Destruição, a obra da Ruína, da Miséria e de quantas perturbações atestam o declíneo de um ciclo que desaparece no horizonte da evolução humana para o dealbar de um outro, portador de melhores dias para o mundo.

E tudo isso, em obediência ao *Destruens et Construens!*

Henrique José de Sousa

in “Amenóphis IV ou Kunaton”, Dhâranâ nº 52 a 66 – Abril de 1930 a Junho de 1931

Palavras de Ouro

Nenhum deslumbramento, nenhuma ilusão, pode reter por muito tempo o homem que se impôs a si mesmo a tarefa de trilhar o fio da navalha que conduz através da selva, através da mais densa floresta, através das profundas águas do sofrimento, através do vale do sacrifício e sobre as montanhas da visão, até ao Portal da Libertação. Ele pode algumas vezes viajar na escuridão (e a ilusão das trevas é muito real!); ele pode algumas vezes viajar numa luz tão ofuscante e confusa que mal pode ver o caminho adiante; ele pode saber o que significa hesitar no Caminho e cair pela fadiga

do serviço e da luta; ele pode, temporariamente, perder-se no Caminho e vaguear pelos atalhos da ambição, do interesse egoísta e dos encantamentos da matéria, mas o lapso será apenas breve. Nada no Céu ou no Inferno, na terra ou em qualquer outro lugar pode impedir o progresso do homem que despertou da ilusão, que percebeu a realidade além do deslumbramento do plano astral, e que ouviu, ainda que somente uma vez, o toque de clarim da sua própria alma.

O Mestre Tibetano

A SINARQUIA

Um dos temas fundamentais da Eubiose é o da Sinarquia. Neologismo criado por Alexandre Saint Ives d'Alveydre, ele pretende significar a forma de governo que se encontra adaptada ao Homem entendido na sua globalidade. Isto é, a Sinarquia será a forma de organização e gestão das coisas públicas que contempla todas as dimensões do ser humano, tanto materiais como espirituais.

Etimologicamente a Sinarquia pressupõe a obediência a princípios e, por isso, se opõe à Anarquia em todas as suas expressões. Na medida em que as formas de governo actuais não contemplam as diferentes dimensões do homem, poderemos afirmar que, de alguma forma, todas se constituem como expressões de uma perspectiva anárquica de governo.

Sinarquia implica, pois, a obediência a princípios. Mas quais? Esses princípios estruturam-se, essencialmente, em três vertentes que se podem perspectivar segundo três grandes linhas de acção:

1. A Sinarquia está baseada na compreensão de que o homem

é um ser multidimensional com uma componente espiritual que é a base e o fundamento de todas as outras.

2. A Sinarquia pressupõe a organização e gestão das coisas públicas segundo parâmetros adaptados às necessidades humanas, não deixando de contemplar a dimensão material e as necessidades básicas sociais.
3. A Sinarquia é, essencialmente, uma forma de governo estruturada e orgânica em que cada componente social desempenha uma tarefa para o bem comum. Tal como no corpo humano cada órgão desempenha a sua função perfeitamente integrado no conjunto de que faz parte, também numa sociedade sinárquica cada órgão deverá integrar-se no corpo social devendo, com sua actividade, contribuir para o bem comum.

A sociedade sinárquica é, pois, um sociedade estruturada onde cada órgão e cada elemento ocupa o lugar adequado às suas potencialidades e às suas características intrínsecas.

OS DILÚVIOS

Para quem estuda a história das diferentes civilizações, de uma forma comparada, não pode deixar de se tornar evidente a recorrência com que surgem os mitos relacionados com o dilúvio universal. É uma constante em todas as culturas e tradições a referência a um dilúvio que teria deixado a terra despovoada. Vejamos algumas dessas tradições.

Para os povos da Oceânia tratou-se da luta entre dois irmãos, filhos de um polvo, chamados Água e Fogo, da qual saiu vencedor o primeiro. Durante esta luta o mundo foi destruído pela Água.

Na Índia, o deus Vishnu avisou o Manu da vinda do dilúvio e enviou-lhe uma grande barca, instruindo-o para nela encerrar dois membros de cada espécie conhecida, macho e fêmea, bem como as sementes de todas as plantas.

As tradições dos povos nómadas do Tibete e da Ásia Central referem um enorme cataclismo provocado pela água e pela queda de vários cometas.

As sagas dos povos nórdicos da Escandinávia referem a grande batalha dos deuses, em que toda a terra foi queimada pelo fogo e as estrelas caíram nos oceanos, provocando enormes vagas que submergiram todo o mundo conhecido.

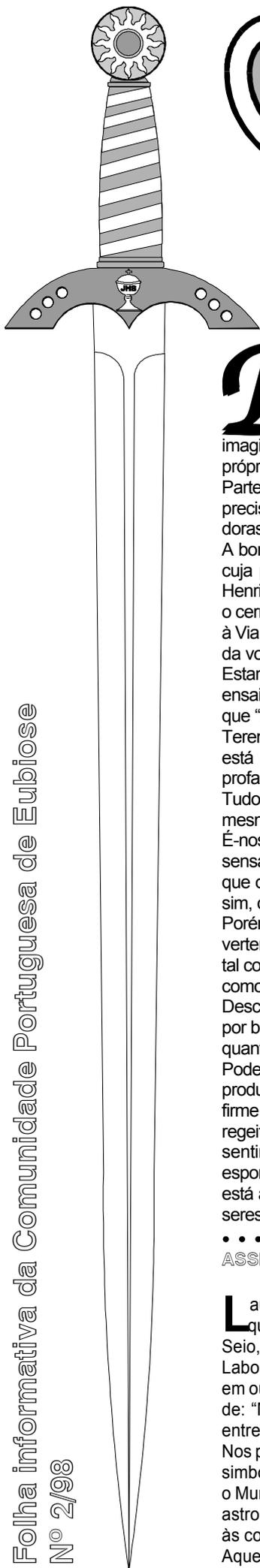
Nos mitos gregos, Deucalião e sua esposa foram avisados do dilúvio eminente, tendo construído uma arca que flutuou sobre as águas durante nove dias e nove noites. No décimo dia o dilúvio cessou e a arca aportou ao monte Otris. Deucalião e a sua esposa atiraram pedras sobre os seus ombros que se transformaram, respectivamente, em homens e mulheres. Desta forma se repovoou o mundo.

As tradições Assíro-Babilónicas referem terem, um dia, os

deuses decidido punir os homens com um dilúvio. Mas um dos deuses apiedou-se dos homens, tendo instruído um deles, Uta-Napisthim, no sentido de construir uma grande arca, devendo nela guardar todas as "sementes da vida". Durante seis dias e seis noites a arca andou à deriva. No sétimo dia aportou ao monte Nisir. Libertou vários pássaros, até que um deles não voltou, tendo então compreendido que o dilúvio tinha terminado e que outras terras estavam libertas das águas.

As tribos africanas do Congo contam que um dia o Sol atirou lama à Lua. O Sol tornou-se menos brilhante e um dilúvio ocorreu. Alguns homens foram transformados em macacos, sendo a presente raça dos homens uma criação muito recente.

Os esquimós, do Alasca, falam de um terrível dilúvio que assolou toda a terra, durante um terramoto. Apenas alguns conseguiram sobreviver, fugindo nas suas canoas, em direcção às montanhas. Na América do Sul, os Incas do Peru contam a história de um lama que instruiu o seu dono para que guardasse comida para cinco dias e cinco noites, pois que um grande dilúvio se aproximava. O homem fugiu para uma montanha, chamada Villca-Coto, levando consigo todas as espécies de animais que sobreviveram à tragédia. Todos os homens descendem deste único ser humano. Por outro lado, os Aztecas afirmavam ter a humanidade sido destruída por um grande dilúvio apenas se tendo salvo um homem e uma mulher. Os seus filhos nasceram mudos. O dom da linguagem foi-lhes dado por um pássaro, mas logo perceberam que todos falavam línguas diferentes. Os índios chilenos acreditam que o dilúvio foi causado por uma erupção vulcânica. Ainda hoje, durante alguns sismos, esses índios se refugiam nas montanhas, temendo o dilúvio universal.



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (IV)

Do ponto de vista de Shamballah, os seres são todos fundamentalmente bons, ou seja, possuem todas as faculdades de que têm necessidade, daí que não há necessidade de se baterem contra o mundo. A nossa existência é em si boa e não contém em si a agressão. Há apenas que deixarmos que essa bondade fundamental – que existe primariamente em nós – se manifeste e não “criarmos” situações imaginárias e complicativas com energias que se geram a partir de um “sentimento egoísta” que elaboramos nós próprios e a sociedade que nos formou...

Parte-se para um reencontro, caminha-se na Via dessa “essência”, mas sabe-se à partida que ela está já em nós, só precisamos de afastar as “núvens” que a pretendem encobrir. Tais núvens são “ondulações” de emoções perturbadoras e pensamentos assentes em preconceitos egoístas.

A bondade fundamental está estritamente ligada à noção de “bodhicitta”, uma das noções mais importantes da Via e cuja prática conduz, progressivamente, na “Grande Barca de Salvação” – expressão tão querida do nosso Mestre Henrique – o praticante à iluminação. “Bodhi” quer dizer “desperto” e “atento”; “citta” significa “coração”. Assim, bodhicitta, o cerne do “mahayana”, da Via Aberta – uma via religiosa profundamente ligada no passado, tanto quanto no presente à Via do Guerreiro – significa, simplesmente, “coração desperto”. Trungpa revela-nos que um coração desperto “advém da vontade de fazer face ao nosso estado de espírito”.

Estamos abordando um dos aspectos fundamentais da Via do Guerreiro, sem o qual ela abortará por certo. Teremos de ensaiar quantas vezes – quaisquer que sejam os nossos conhecimentos ou teorias, mesmo que “esotéricas”, mesmo que “iniciáticas” – verdadeiramente entrar em contacto com o nosso coração em pleno, de uma forma autêntica.

Teremos de ter a honestidade de nos olhar no espelho, sem temer o sentirmo-nos mal, e ver o “rosto” que de facto lá está projectado... Esse é o nosso “rosto” verdadeiro e é dele sempre que partimos, não de um dos muitos sonhos profanos.

Tudo isto parece muito normal à nossa mente, mas a questão posta pelos Mestres é clara: em que medida é que nós mesmos empreendemos uma relação com nós próprios durante a nossa Vida?

É-nos dito igualmente que, quando procuramos esse “coração desperto”, não descobrimos outra coisa senão uma sensação de ternura. É algo doce, mas simultaneamente doloroso, pois, quando o guerreiro abre os olhos ao mundo que o rodeia, prova uma imensa tristeza. Trata-se, não da tristeza que temos se nos maltratarmos ou insultarmos, mas sim, de uma tristeza “incondicional”, no dizer de Trungpa. Está-se a falar, pois, de uma tristeza não egoísta.

Porém, tal tristeza advém de sentirmos que o nosso coração inexistente, está cheio. Daí advém o amor, a vontade “de verter o sangue do nosso coração, de oferecer o nosso coração aos outros”. Este aspecto é mesmo fundamental. É o tal coração triste mas terno que dá nascimento à verdadeira coragem, não à coragem mundana. Tal coragem emerge como produto da ternura, dessa riqueza de coração, dessa verdadeiramente única nobreza.

Descobrimos, assim, a própria origem da nobreza que tanto ouvimos falar no passado, que simbolicamente se exprimiu por braços e se perdeu com os tempos, restando dela quase somente uma palavra, um vago conceito ridicularizado, quantas vezes, hoje, pelo mundo.

Podemos compreender então as fortes palavras desse sábio shamã, quando dizia ao seu discípulo – ele mesmo produto dessa sociedade ultra-consumista moderna – “o temperamento do guerreiro corta a merda”. Tal declaração firme deve ser entendida, claro, como a necessidade que tem o guerreiro, desde o início da Via, de cortar com o regeitável, com a porcaria que acumulámos em nós, a necessidade de cortar com “as nossas velhas ideias” e passar “a sentir as coisas a fundo”, para podermos compreendê-las verdadeiramente e decidir de como agir, natural e espontaneamente, de acordo com as necessidades do momento presente. Trata-se, pois, de “ver” com rigor o que se está a passar na ocasião, em vez de fazermos uma análise baseada em preconceitos que já temos das coisas e dos seres, como “eles serão” ou de como as coisas irão ser.

.....
ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE ASSIM OUVI DO MESTRE

Laura é o nome que tem o 22º, ou último Arcano Maior, também chamado: O Mundo. É sua letra o Thau hebraico, que tem por hieróglifo: o Seio. O Seio da Mulher, ou Mãe, que amamenta seu filho na primeira das 4 idades da vida. Seio, também, da Mãe-Terra, para todos os seres que nela habitam: por isso mesmo, seus filhos. Seio da Terra, ou Laboratório do Espírito Santo, como o denominam as escrituras sagradas do Oriente. Espírito Santo, como se disse em outros lugares, simbolizado pela Ave (Avis) solta por Noé (lido anagramaticamente, é o Eon grego, com significado de: “Manifestação da Divindade na Terra”), e que volta com o esperançoso ramo de oliveira no bico (Ramo racial, entretanto; todo Manu, seja Moisés ou outro qualquer, vem sempre à frente de uma nova raça ou civilização...).

Nos primitivos alfabetos hebraicos, tal letra era representada por uma cruz, embora até hoje fosse ignorado tão obscuro simbolismo, que outro não é senão o Thau, como 22ª letra do referido alfabeto, a relacionar-se, cabalisticamente, com o Mundo. Não é esse o significado do arcano 22? Uma cruz tanto vale pelo número 4 (4 braços, etc.) e a prova é que, astronomicamente falando, possui o seguinte símbolo, ou seja, o mesmo mundo... com o seu pesado madeiro cármico às costas. Enquanto Vénus, como seu reflexo nos céus, é justamente o contrário. Por isso que desse planeta vieram Aqueles que dirigem a Terra: os Senhores de Vénus.

Henrique José de Sousa in “Colombo e Cabral”, Dhâranâ nº 110, Outubro a Dezembro de 1941

A Escola, o Teatro e o Templo

A filosofia Eubiótica postula dois triângulos fundamentais de realização. Um individual e outro grupal. O triângulo individual comporta três níveis de realização que, quando em acção, permitem ao homem a realização integral da divindade que em si reside, a manifestação da tríade superior (a Alma) através do quaternário inferior (a Personalidade). Esses três vértices são, por nós, apelidados de: Transformação, Superação e Metástase Avatárica.

Mas, para que essa potencialidade se transforme em acto, forçoso é que se complete o triângulo grupal de realização, na medida em que só através do trabalho de grupo – de acordo com a tónica Aquariana – se pode processar a sua consumação integral. A esses três aspectos do trabalho de grupo eubiótico damos o nome de Escola, Teatro e Templo.

Na Escola o discípulo é adestrado no conhecimento dos grandes ensinamentos da Sabedoria Tradicional, com especial incidência na sua vertente tipicamente eubiótica. Através dela somos levados a

compreender o modo como se encadeiam as diferentes técnicas e procedimentos aconselhados pelos Mestres de Sabedoria, tendo em vista o desenvolvimento do grupo.

Na vertente do Teatro – através do divino papel desempenhado pela “Personna”, a “máscara”, a Personalidade, no Teatro da Vida – o discípulo interage com os seus irmãos de grupo no sentido da plena realização das suas capacidades, tendo em vista o bem do grupo e da sua egrégora. É no Teatro do quotidiano que aprendemos a nos relacionar com os outros numa perspectiva eminentemente espiritual. Finalmente, é no Templo que a acção dos dois vértices anteriores converge. No Templo o discípulo aplica, por forma concreta – aplicando adequadas técnicas – os ensinamentos da Escola e as vivências do Teatro. No Templo se captam, reelaboram e difundem as energias que outras hierarquias e outros reinos da natureza irão aplicar no desenvolvimento positivo da humanidade rumo à sua integração espiritual.

OS TEMPLÁRIOS (Parte I)

As lendas e tradições cavaleirescas, fundamentadas na demanda do Graal e nos ideias de cavalaria, povoaram todo o imaginário da Idade Média. O poeta francês Chrétien de Troyes seria o iniciador de um vasto ciclo de produção literária cujo mote era, invariavelmente, o da demanda do “vaso de eleição”, o cálice sagrado, onde José de Arimateia teria recolhido o sangue do Cristo, suplicado na cruz pela lança do centurião Longinus. Cálice com o qual Ele teria celebrado a última ceia em companhia de todos os seus companheiros, apóstolos, e, segundo certas tradições, de suas famílias.

Com a obra “O Conto do Graal”, surgida nos finais do século XII, Chrétien de Troyes mais não fez, segundo alguns historiadores, do que recolher antigas e dispersas tradições de origem celta e outras, de raiz popular, muitas delas fundamentadas em antigos textos cristãos considerados apócrifos. O que é certo é que, a partir daí, toda a mística religiosa cristã ganha um alento suplementar pela introdução do conceito de “cavalaria espiritual”.

Isto é, não bastava ao homem medieval que fosse santo, importava que o provasse pela força das armas na luta feroz que o feudalismo europeu empreendia contra o invasor muçulmano. Esta febre de salvação e de redenção espiritual pela bravura guerreira – a que não é estranha a introdução das cantigas de Amigo e de Amor, na poesia trovadoresca, como forma de enaltecimento da mulher amada, já que esta representa o ideal de pureza e perfeição que todo o cavaleiro deve alcançar, conquistar e defender nos momentos de perigo – haveria de motivar o aparecimento de grupos de homens, muitos deles de ascendência nobre, que, à imagem do próprio Cristo, se despiam da sua condição social

elevada para abraçarem uma vida de reclusão e sacrifício em prol de um ideal espiritual. Era esse o caminho prometido e seguro para a sua salvação.

Em 1095, o Papa Urbano II lança, no concílio de Clermont Ferrand, a Primeira Cruzada. Apelando aos sentimentos de nobreza da cristandade conclama à unificação militar europeia para libertação do Santo Sepulcro e da cidade de Jerusalém. Apelidando de guerra santa esta investida contra os infiéis, afirmava que tal empreendimento era do agrado de Deus, estando a vida eterna aberta a todos aqueles que dessem a sua vida por este alto ideal. As Cruzadas tinham o seu início. Em Julho de 1099, Jerusalém caía às mãos de uma cavalaria europeia altamente moralizada e motivada. No meio de um banho de sangue atroz – que haveria de durar 3 dias – cerca de 70 000 homens, mulheres e crianças, judeus e muçulmanos, foram passados a fio de espada pelos cruzados. Na sequência deste empreendimento Hughes de Payens e Godofredo de Saint Omer decidem formar uma ordem de cavaleiros monges a que chamam “A Pobre Milícia do Cristo”. A eles se juntam sete outros cavaleiros, tal como eles curtidos pelos ferozes combates contra os muçulmanos e imbuídos dos mesmos ideais de cavalaria.

Balduíno II, rei de Jerusalém, atribui-lhes, como instalações provisórias de acolhimento, as estrebarias anexas à mesquita de Al-Aqsá. Esta mesquita teria sido construída sobre as ruínas do famoso Templo de Salomão pelo que, a partir desta data passam a designar-se como “Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”, abreviadamente chamada Ordem dos Cavaleiros Templários. Corria o ano de 1118.

Spirit-WWW

Já nos referimos anteriormente a esse poderoso instrumento de comunicação e disseminação de ideias que é a Internet. Com todos os seus defeitos e virtudes não existe hoje em dia a mínima dúvida de que ela se constituiu como um poderoso instrumento que, se colocado ao serviço de ideais superiores, pode constituir-se como um manancial inesgotável de informação para todos aqueles que pretendem pesquisar os meandros de qualquer assunto.

Numa das nossas viagens por esse “mundo virtual” deparámos, há algum tempo, com uma página localizada em:

<http://www.spiritweb.org/>

e intitulada “Spirit-WWW, Spiritual Consciousness on WWW”. Com excelente aspecto gráfico esta página está exclusivamente dedicada aos assuntos relacionados com o esoterismo, possuindo ligação para outras páginas dedicadas a assuntos do nosso interesse, como astrologia, teosofia, OVNIS, métodos de cura, meditação, reencarnação, entre outros.

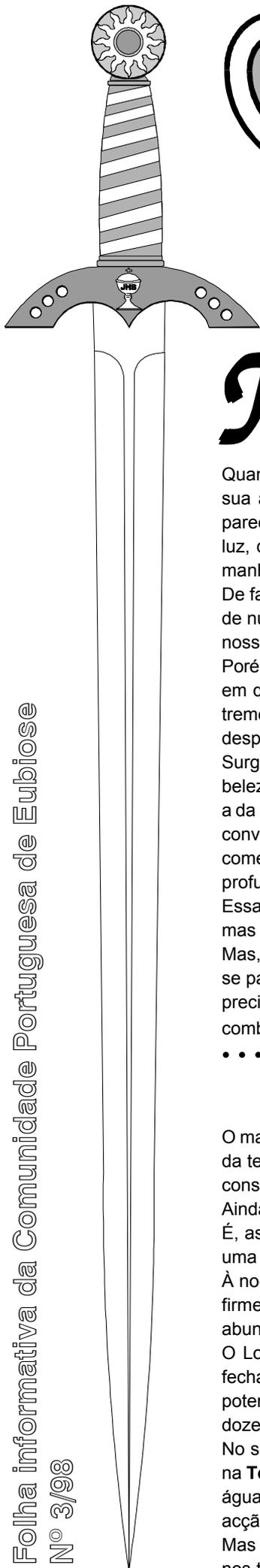
Definindo-se à partida como “um local da Internet dedicado à espiritualidade, num contexto moderno, perspectivando antigos

ensinamentos e sistemas religiosos”, afirma-se, também, como “um local independente de qualquer crença ou dogma religioso mas que pretende traçar uma panorâmica de todas as formas de espiritualidade”. E termina com uma citação: “O Amor é a resposta para a questão final”.

Através desta página se pode aceder a arquivos vídeo e áudio sobre temas espirituais, incluindo poesia, música e pintura. Através dele se pode, também, aceder ao tão conhecido “Livro de Urantia” ao qual voltaremos em momento oportuno.

Esta página possui um excelente programa de busca por assuntos que nos remete para todas as páginas conhecidas, na Internet, dedicadas aos temas da espiritualidade. É possível a conversa, em tempo real, através do teclado, com outras pessoas situadas noutras partes do mundo, sobre estes temas, bem como a inscrição em listas de correio “mailing lists” sobre temáticas afins.

Enfim, para todos aqueles que possam aceder à Internet, pensamos que será um local a não perder e a consultar o mais depressa possível.



CALIBURN

A VIA DO GUERREIRO (V)

No nosso dia a dia mundano nós somos, como vimos, guiados pela mediocridade dos raios sombrios do “sol poente”. Antevemos por vezes, porém, essa luminosidade do amanhecer, essa força que sentimos de madrugada, ao nascer do sol, onde toda a natureza pára para “escutar” a energia do astro Rei.

Quando penetramos a via do guerreiro auguramos, precisamente, essa nova luz, notamos a profundidade da sua abertura, a expressão da própria vida que está em tudo o que nos cerca. Mas essa visão fulgurante parece ao nosso pequeno ego algo de terrível e o que sucede é que temos medo de despertar para essa nova luz, de sair do nosso “doce nicho” e nos abrimos a um espaço sem limites, respirando o “ar fresco dessa manhã”.

De facto, na prisão em que nos encontramos não há lugar para qualquer luz enquanto não se antevê, através de nuvens densas, uma abertura e se deseja nostalgicamente a abertura. Até aí a nostalgia foi sempre “a do nosso próprio suor”, na cela em que nos encontramos.

Porém, num dado momento, sentimos claustrofobia, sentimo-nos “apertados” ao depararmos com a obscuridade em que estamos mergulhados. Quando tal sensação emerge profundamente no ser, surge igualmente uma tremenda necessidade de arejamento, de respirar o ar puro e vitalizante da luz do “Sol do Grande Este”. É o despontar de uma “saudades” amplificada por um desejo de religação com tudo.

Surge então algo que nos impele a querermos estirarmo-nos ou saltarmos ou dançarmos livremente sobre a beleza da montanha ou no verde do prado (muitos de nós tivemos essa sensação sobre as montanhas, como a da nossa amada Sintra). Descobrimos verdadeiramente a forma em que estávamos anichados, acorados, convencidos que não podíamos andar. Descobrimos, outrossim, a beleza do andar, do saltar ou do correr, do comer, enfim, de tudo o que sempre fizémos ou podemos fazer, mas que estávamos incapazes de sentir em profundidade.

Essa emergência faz contrair uma espécie de febre – tão comum aliás em tudo o que nos fascina de novo – mas agora é uma febre de um novo tipo: é a febre do Sol do Grande Este.

Mas, dever-se-á, como em todas as práticas em que o guerreiro se empenhe, olhar para trás, vendo de onde se partiu, pois o guerreiro não tapa a vista a nada, olha para o passado, como olha para os “princiapantes”. É preciso que ele constantemente se recorde da obscuridade que tinha no seu nicho. Esse é o verdadeiro combustível da viagem em que vai doravante estar empenhado. E essa viagem tem sabor a passado “lusíada”.

.....

O SIMBOLISMO DO LOTUS

O maravilhoso simbolismo do LOTUS resulta de vários aspectos que lhe são peculiares. Saído da obscuridade da terra e das águas adormecidas, ele desabrocha em plena luz e isto o torna símbolo de despertar da consciência espiritual do Homem.

Ainda que o Lotus se desenvolva na água imunda ele dá nascimento a flores de uma grande beleza e pureza. É, assim, a própria imagem da moralidade: como o Lotus, o discípulo pode manter-se puro e intacto meio a uma sociedade de vilania.

À noção de pureza do Lotus vêm juntar-se a de sobriedade e de rectidão, emblemas do sábio. É símbolo de firmeza (pela rigidez do seu caule), de prosperidade (pela exuberância da planta), de prolificidade (pela abundância dos grãos), de harmonia conjugal (duas flores crescem no mesmo caule).

O Lotus prefigura a manifestação emanada das águas primordiais, tal como o Ovo do Mundo. Seu botão fechado equivale a este ovo e a sua ruptura ao desabrochamento da flor, o que significa a realização das potencialidades contidas no germe inicial, das possibilidades do Ser, pois o coração é, também, um lotus de doze pétalas fechado...

No sentido do homem microcósico, o Lotus é símbolo da natureza psíquica, pois mergulha as suas raízes na **Terra**; sua haste atravessa a **Água**, em analogia com a natureza astral ou afectiva, e se lança para fora da água, no **Ar**, ou seja, o plano mental onde a sua flor esplêndida, resultado do seu crescimento, se abre sob a acção dos raios de sol (que simboliza a Alma, o Ego superior).

Mas o Lotus espalha o seu perfume e aqui se expressa o símbolo do serviço irradiante que o discípulo realiza nos três mundos: Físico, Astral e Mental.

PRINCÍPIO ESOTÉRICO

“O MINERAL DORME, O VEGETAL SENTE, O ANIMAL SE MOVIMENTA, O HOMEM PENSA, O GÊNIO CRIA, O MÍSTICO AMA, O INICIADO SE DIVINIFICA PARA SE TRANSFORMAR NUM DEUS.”

.....

OS TEMPLÁRIOS (Parte II)

O facto de Hughes de Payens pertencer ao grupo dos cavaleiros dos Condes de Troyes leva-o a fazer frequentes viagens a esta cidade. É nela que conhece o sobrinho do seu companheiro André de Montbard, Bernardo de Clairvaux (ou de Claraval). S. Bernardo haveria de se transformar no patrono dos Templários. Na verdade foi ele quem deu consistência à Ordem no sentido em que lhe conferiu uma estrutura própria e diferenciada através da conhecida Regra de S. Bernardo, conjunto de leis organizativas e de conduta que haveriam de pautar toda a futura vida da Ordem.

Bernardo de Claraval é um dos mais importantes líderes espirituais da Idade Média. Fundador da ordem Cisterciense, haveria de revelar-se um dos mais eloquentes homens do seu tempo e profundo conhecedor da natureza humana. É ele quem lança as ideias conducentes a uma nova concepção arquitectónica baseada no arco em ogiva. Concepção esta veiculada pelos Templários a partir do próximo oriente e que haveria de estar na base das tão enigmáticas, quão maravilhosas, catedrais góticas, cujos expoentes máximos pontificam em Chartres ou Notre-Dame e que, segundo alguns autores, transportam consigo, através dos tempos, mensagens de contornos fantásticos que nos reportam ao mundo secreto da alquimia.

Era ele quem dizia: “Os guerreiros são gentis como os cordeiros, mas, contudo, ferozes como leões”. Ou ainda, numa demonstração de sagacidade política e social bem desajustada do seu tempo; “O homem é impotente se ficar inerte. A contemplação não é mais do que um passatempo. O homem deve exercer o seu poder sobre a natureza e a sociedade”.

Na realidade foram as concepções de S. Bernardo, bem como a actividade política dos Templários, que levaram alguns historiadores a creditá-los como os primeiros autores de um modelo de federalismo europeu. Claro que alguns dos principais actores

históricos da época haveriam de os colocar no lugar que lhes tinham destinado; a fogueira.

Em 1128, com 28 anos de idade, defende veementemente, no Concílio de Troyes, a criação da Ordem do Templo para a qual contribui, também, com a concepção da sua divisa e selo. A aprovação de todas as suas propostas acaba por conferir aos Templários o seu estatuto definitivo. Em 1139, com a bula *Omne Datum Optimum*, o Papa Inocêncio II aprova oficialmente a Regra da Ordem, conferindo-lhe protecção papal bem como a total isenção de qualquer encargo financeiro perante a Igreja.

Posteriormente, o Papado haveria de ampliar os seus privilégios através da concessão de indulgências aos benfeitores da Ordem. Foram, também, autorizados a construir as suas próprias igrejas e sepultar os seus mortos nos terrenos circundantes, facto este de grande importância social, ao tempo, e que criou a convicção de que poderiam ouvir os crentes em confissão e conceder absolvições. Este pequeno facto haveria de revelar-se fundamental durante o julgamento dos Templários.

A Ordem extraiu a sua divisa do Livro dos Salmos, sendo conhecida como “*Non Nobis*”. “*Non nobis Domine non nobis sed nomine tuo da gloriam*” (Salmos 113:9). **“Não a nós Senhor, não a nós, mas para a glória do teu Nome”**

No Selo da Ordem, de contorno circular, poderemos ver dois cavaleiros montando o mesmo cavalo, circundados pelo texto “*Sigillum Militum Christi*”, “A Secreta Milícia do Cristo”, referência curiosa para uma ordem de cavaleiros monges que, em princípio, nada deveriam ter a esconder a não ser que o próprio selo da Ordem contivesse, em si, alguma mensagem de contornos indefinidos cuja decifração só a alguns coubesse. Os dois cavaleiros montando o mesmo cavalo têm sido apontados como símbolo de pobreza e, também, de fraternidade de armas pelo simbolismo da entreeajuda entre os irmãos da Ordem.

Grupos de discussão/Newsgroups

Uma das facetas mais interessantes da Internet é a existência dos chamados “newsgroups”. Os “newsgroups” são conhecidos, também, como “grupos de discussão”. As pessoas que participam nestes grupos de discussão enviam as suas mensagens escritas para leitura de todos os participantes. Com o programa informático adequado podemos inscrever-nos nesses grupos e, sem qualquer obrigatoriedade de participar, assistir as diferentes discussões que se vão desenvolvendo sobre os mais variados temas.

Um desses grupos de discussão é referenciado pela seguinte sigla “alt.astrology” e, como o seu nome parece indicar, trata-se de um grupo de discussão sobre um tema alternativo, a astrologia. De uma comunicação intitulada “A conjunção Urano/Neptuno de 1993”, assinada por Edmond H. Wollmann, retirámos o seguinte excerto que, pensamos, será do interesse de todos.

“A conjunção Urano/Neptuno de 2 de Fevereiro de 1993 conclama à transformação das nossas fraquezas em forças, através do reconhecimento da capacidade de discriminação e escolha (Urano) perante os cenários da realidade externa (Capricórnio) e respectiva fusão com os aspectos de maior expansão da nossa

natureza interior (Neptuno). Dito de modo mais simples, devemos começar por reconhecer que a nossa consciência não reside no nosso corpo, mas que o nosso corpo se move na nossa consciência e é a manifestação física do espírito.

Em primeiro lugar, por si só, a conjunção Urano/Neptuno manifesta a transformação política que deve ser operada para sermos conduzidos, social e religiosamente, de uma perspectiva individual (Urano) para uma dimensão colectiva (Neptuno). No Capricórnio ela indicia que a principal área de reforma se situa na esfera das estruturas governamentais e das ciências políticas.

A conjunção de 2 de Fevereiro de 1993 pode ser entendida como o início de uma nova era, de uma nova idade, já que Sol e Mercúrio se posicionam no Aquário.

Os Maias sabiam já que 1992 marcaria o início do último período de 20 anos com que irá terminar o grande ciclo cósmico Maia de 5125 anos e através do qual seremos transportados para uma nova dimensão... na minha opinião a conjunção Urano/Neptuno, que atravessámos, foi um sinal deixado à humanidade para que acordasse e transformasse os seus sonhos em realidade.”